

## **Género e Etnicidade:**

O papel da mulher na Etnia Cigana de Tortosendo.

**VERSÃO FINAL APÓS DEFESA**

Edna Melina Rodrigues Rosado

**Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
Sociologia:**

Exclusões e Políticas Sociais (2<sup>o</sup> ciclo de estudos)

**Orientador:** Donizete Aparecido Rodrigues

Dezembro de 2022



## **Declaração de Integridade**

Eu, Edna Melina Rodrigues Rosado, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M10579 de/o Sociologia: Exclusão e Políticas Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 22/12/2022

Edna Melina Rodrigues Rosado

(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente  
assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)



# **Dedicatória**

A principal dedicatória é para a comunidade cigana, visto que é o foco principal desta investigação. Em seguida, irei dedicar esta investigação as mulheres ciganas, em concreto a todas que se cruzam neste processo, no qual foram fundamentais para a realização dessa dissertação de mestrado.

Dedico de igual forma aos meus pais, familiares e namorado, pois todos foram fundamentais para a realização da presente investigação.



# Agradecimentos

Começo deste já por agradecer a toda a comunidade cigana do Tortosendo, que acompanhei durante todos esses meses de investigação, principalmente, a forma carinhosa e afável como fui acolhida. Em seguida, quero agradecer às mulheres ciganas entrevistadas, pela forma disponível e carinhosa, que me ajudaram a realizar esta investigação, pois sem elas não era possível.

Um agradecimento especial a Professora Antónia Silvestre, pelo apoio, dedicação e disponibilidade que demonstrou desde o início da investigação. Realçar um agradecimento à associação *Quer Ser Mais E8G*, pela disponibilidade e hospitalidade e pelo tempo dedicado. Um agradecimento particular ao ‘staff’ da associação pelo auxílio oferecido.

Gostaria igualmente de aproveitar esta oportunidade de expressar o meu especial agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Donizete Rodrigues, pela disponibilidade, incentivo, paciência e rigor, na realização dessa investigação, pois sem a sua ajuda não seria possível. Obrigada!

Por fim, quero agradecer a toda a minha família pelo apoio e incentivo nos momentos mais difícil deste percurso, especialmente aos meus pais por nunca desistirem e acreditarem sempre em mim, mesmo quando todos diziam que era impossível. Um agradecimento ao meu namorado e a sua mãe pela ajuda e dedicação que demonstram em todo o processo universitário e na adaptação à Covilhã.





## **Resumo:**

A presente dissertação tem como objetivo uma descrição e compreensão da comunidade cigana, nomeadamente quanto às questões de género e o papel das mulheres no seio da comunidade. Num campo mais específico, analisar o seu quotidiano e as suas perspetivas pessoais e da comunidade.

Em primeiro lugar, aprofundamos duas dinâmicas essenciais, como o género e etnicidade, numa perspetiva neutra/imparcial em relação a este tema. Foram estudadas diversas características do grupo, efetuada uma análise das relações familiares, como essas são desenvolvidas e os papéis de género dentro da comunidade cigana.

Em seguida, foi selecionado o método mais adequado e promissor para esta temática, que se tratou do método qualitativo, mais especificamente a entrevista semiestruturada, com o objetivo de que as entrevistadas pudessem refletir as suas perspetivas, opiniões, ideias sobre a temática.

Analisamos os resultados a partir do método selecionado e conseguimos obter algumas conclusões. A principal conclusão deste estudo é que a tradição ainda tem uma importância significativa nas mulheres ciganas, o que leva a um desenvolvimento adaptativo mais lento em relação a sociedade no seu geral. Outra conclusão é que todas as mulheres conseguem perceber que já existe uma evolução significativa das camadas mais jovens em relação a geração anterior, em diversos campos das suas vidas.

Tal como referimos na conclusão, é necessária a realização de um estudo mais aprofundado, para se conseguir apurar de forma significativa os dados que foram aqui explorados. Também seria importante para a sociedade em geral entender como se está a adaptar e evoluir a comunidade cigana em Portugal.

**Palavras-chave:** Género, Papéis de género, Etnicidade, Ciganos, Mulheres Ciganas.

## **Abstract:**

The aim of this dissertation is to provide a description and gain an understanding of the Roma community, in particular regarding gender issues and the role of women within that community. More specifically, an analysis will be made of their day-to-day lives and their personal and community outlook.

Firstly, two essential dynamics, gender and ethnicity, are explored from a neutral/impartial perspective in relation to this theme. A study was made of several characteristics of the group including family relationships and how they are developed, and gender roles within the Roma community were analysed.

The most suitable and potentially fruitful method for the study of this topic was then selected. This was a qualitative method, more specifically semi-structured interviews, with the objective being that the interviewees could reflect upon their perspectives, opinions and ideas on the topic.

An analysis was made of the results arising from this method and it was possible to draw some conclusions. The main conclusion of this study is that tradition still retains significant importance among Roma women, which implies slower adaptive development compared to society in general. Another conclusion is that all the women are aware that there is already significant evolution of the younger tiers in relation to the previous generation, in various fields of their lives.

As stated in the conclusion, it is necessary to carry out a study in greater depth in order to gain significant insights from the data explored here. It would also be important for society in general to understand how the Roma community in Portugal is adapting and evolving.

**Keywords:** Gender, Gender roles, Ethnicity, Roma, Roma Women.



# Índice

<b>1. Capítulo 1: Introdução .....</b>	<b>pág.1-2</b>
1.1. Objetivos (Geral e Específicos) .....	pág.1
1.2. Classificação/inserção num dos ramos da Sociologia.....	pág.1-2
1.3. A estrutura da tese.....	pág.2
<b>2. Capítulo 2: Metodologias e Técnicas.....</b>	<b>pág.3-5</b>
<b>3. Capítulo 3: Enquadramento Teórico.....</b>	<b>pág.6-20</b>
3.1. Estado da arte .....	Pág.6-14
3.2. Caracterização da etnia cigana em Portugal.....	pág.14-16
3.3. Famílias ciganas.....	pág.16-17
3.4. Papéis de género na comunidade cigana .....	pág.17-20
<b>4. Capítulo 4: Conceitos essenciais.....</b>	<b>pág.21-24</b>
4.1. Clã.....	pág.21
4.2. Etnia.....	pág.21-22
4.3. Família: Nuclear e Externa.....	pág.22-24
4.4. Identidade.....	pág.24-25
4.5. Minoria étnica.....	pág.25-26
4.6. Raça.....	pág. 26-29
<b>5. Capítulo 5: Investigação e Resultados.....</b>	<b>pág.30-35</b>
<b>6. Capítulo 6: Conclusão.....</b>	<b>pág. 36-38</b>
<b>7. Referências e Bibliografia.....</b>	<b>pág.39-43</b>
<b>8. Anexos.....</b>	<b>pág.44-84</b>
8.1. Anexo 1: Guião de Entrevista.....	pág.45-46
8.2. Anexo 2: Resultados das Entrevistas.....	pág.47-84



# **Capítulo 1: Introdução**

## **Objetivos (geral e específicos)**

O objetivo principal da dissertação passa por uma descrição e compreensão da comunidade cigana, nomeadamente as questões de género e o papel das mulheres no seio da comunidade. Os objetivos específicos da dissertação são:

- Entender como desenrola o quotidiano das mulheres dentro da comunidade cigana. Desta forma, pretendo estabelecer, no guião de entrevista, um espaço que englobe perguntas específicas sobre esta problemática: tarefas domésticas, rotinas e diversidades de trabalhos que realizam como mulheres e ciganas.
- Qual a perceção das mulheres ciganas em relação aos papéis de género que desempenham, dentro e fora da comunidade, realçando o porque da existência de certas regras e normas impostas pela comunidade.
- Compreender as diversificadas perspetivas das gerações sobre as normas e tradições da comunidade cigana, especificamente, como as mulheres lidam e tentam ultrapassar as restrições coletivamente impostas.
- Entender e analisar o possível processo da emancipação das mulheres ciganas.

## **Classificação/inserção num dos ramos da Sociologia**

Esta dissertação tem como ponto de partida a Sociologia das Minorias Étnicas, no qual se centra na etnia cigana, com o intuito de perceber a cultura, as normas e os valores desta mesma comunidade. Contudo, num campo mais específico, irei debruçar-me sobre o papel das mulheres dentro e fora da comunidade, entender como as mesmas vivem e compreendem os papéis de género, recolhendo informações com bases nas suas experiências e no seu quotidiano.

Em termos sociológicos, este tema é de grande relevância para uma melhor compreensão das interações entre homens e mulheres e dos papéis de género e como estas interações podem influenciar o passado, presente e futuro desta minoria étnica. Com esta investigação, pretendo entender como se desenrolaram ou estão a desenrolar os movimentos emancipatórios das mulheres ciganas.

Neste estudo, pretendo analisar os diversos campos em que as mulheres estão envolvidas - na família, religião, educação, no trabalho, nos ritos/rituais de passagem e religiosos. Compreender como os diversos elementos interagem entre si, com as famílias

e com a sociedade em geral, ou seja, como as tradições, valores, normas e regras estão inculcados na mentalidade desta comunidade.

Os comportamentos e vivências dentro e fora da comunidade tem um papel fundamental para esta pesquisa, pois pretendo demonstrar os diversos preconceitos e estigmas que as mulheres possam sofrer devido aos costumes e tradições que a comunidade cigana lhes impõem, bem como a sociedade em geral.

### **A estrutura da tese:**

Inicialmente, a definição de diversos conceitos que são essenciais para a dissertação: família nuclear, família extensa, clã, etnia, género, entre outros, que vão facilitar a compreensão da etnia cigana. Em seguida, um enquadramento teórico com tópicos sobre cultura cigana, a família, os papéis de género e por fim o novo olhar das mulheres sobre a tradição cigana, para entender a importância do papel da mulher na comunidade.

No primeiro tópico, uma análise da história e da cultura cigana em Portugal: a dinâmica da comunidade, as tradições e a sua relação com a sociedade portuguesa. Em segundo lugar, uma análise sobre as dinâmicas das famílias ciganas e como elas e os indivíduos se mobilizam em torno das regras e tradições da cultura cigana. Em terceiro lugar, passarei a relacionar os papéis de género no contexto da etnia cigana e qual a importância social da mulher. Desta forma, mostrar quais as dificuldades que as mulheres enfrentam, como preconceitos, estigmas ou comportamentos xenófobos fora da comunidade cigana. No último tópico, uma análise dos processos de mudanças no contexto da etnia cigana nos últimos anos, realçando o papel da educação e da relação com os não-ciganos, no contexto da sociedade portuguesa.

## Capítulo 2: Métodos e Técnicas

Nesta pesquisa, o método escolhido foi o qualitativo. Devido à complexidade e sensibilidade do tema, é importante que o método auxilie para que se consiga obter resultados mais profundos de uma área específica. Tal como se pode certificar, no livro *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*, o método qualitativo tem por base a realidade no qual estão inseridos os significados, crenças, valores e outros campos numa competência mais particular que requer dados das relações, processos e fenómenos que estão inerentes ao contexto que se está a estudar; logo trata-se de uma realidade que não se reduz a estatísticas nem dados quantitativos (Minayo, Deslantes, Neto, Gomes, 2020).

Portanto, o método qualitativo aprofunda e recolhe dados mais sensíveis e pessoais, ou seja, que requerem uma atenção especial por parte do entrevistador. Deve haver uma sensibilidade por parte do investigador/entrevistador para conseguir obter e transmitir de forma simples as questões que são colocadas. Portanto, esta metodologia tem características como: *“descrever e compreender o comportamento humano na sua complexidade, explicando o processo mediante o qual os actores sociais constroem os significados atribuídos ao social (...)”* (Silva, 2013, pp. 3).

Assim, este método é o mais indicado para entender a questão do género e, consequentemente, a importância do papel da mulher dentro e fora da comunidade cigana. No que se refere às entrevistas, para beneficiar os resultados desta pesquisa, deve haver uma estrutura mais livre e flexível, dando protagonismo às entrevistadas (Triviños, 2008 Cit in Augusto, Sousa, Dellagnelo e Cario, 2013).

Uwe Flick, no livro *Introdução à Metodologia da Pesquisa: Um Guia para Iniciantes*, defende que as entrevistas são essenciais para se conseguir obter informações numa perspectiva mais individual e representativa; no caso do nosso estudo, das ideias das mulheres ciganas sobre os papéis de género:

*“O objetivo da entrevista é obter as visões individuais dos entrevistados sobre um tema. Por isso, as questões devem dar início a um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. Mais uma vez em contraste com os questionários, em uma entrevista você não vai apresentar uma lista de possíveis respostas. Em vez disso, espera-se que os entrevistados respondam da forma mais livre e extensiva que desejarem.”* (Flick, 2013, pp. 115)

Portanto, os entrevistados são os portadores dos resultados com um espaço de “fala” e com o intuito de ser uma dinâmica fluida e com o cariz de conversação. A autora Danielle Ruquoy menciona que deve existir um guião de entrevista, para que o



entrevistado tenha um espaço de conversa e exposição sobre a temática, no qual o guião ajudará a balizar o seu pensamento e a entrevista de forma a não se alienar e dispersar do tema (Ruquoy, 1997).

Assim, a entrevista semiestruturada individual é a melhor técnica para a nossa pesquisa, pois permite, através de uma especial atenção e cuidado como abordar os assuntos, deixar as mulheres ciganas confortáveis para falar de assuntos que por normas não estão muito à vontade no dia-a-dia das mesmas.

As entrevistas semiestruturadas têm por base um guião, com perguntas abertas, com a mistura de perguntas mais diretas, mas sempre com o intuito de dar espaço ao entrevistado; ou seja, é o entrevistado que fornece as respostas e o entrevistador analisa e orienta-se pelas informações à disposição do entrevistado.

Como informam os autores, Maria Minayo e António Costa:

*“(...) entrevista semiestruturada, que combina um roteiro com questões previamente formuladas e outras abertas, permitindo ao entrevistador um controle maior sobre o que pretende saber sobre o campo e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados.”* (Minayo e Costa, 2018, pp. 142)

O foco das entrevistas centrou-se nas mulheres ciganas e na perspetiva que as mesmas tem sobre os papéis de género. Desta forma, o objetivo foi entender como a comunidade cigana interpreta os papéis de género e como as tradições influenciam, negativamente ou positivamente, o percurso das mulheres.

Na pesquisa, foram selecionadas 6 a 10 entrevistadas, abrangendo diversas gerações e mulheres que tinham algum impacto ou “espírito de líder”. Desta forma, ao entrevistar gerações diferentes foi possível entender a linha de pensamento geracional das mulheres ciganas.

Focar nas mulheres com papel de liderança ajudou a entender como funciona a comunidade em geral, pois elas representam o grupo de mulheres ciganas na comunidade, ou seja, tem um papel intrínseco de representatividade das mesmas na forma de pensar e viver a cultura cigana.

A entrevista semiestruturada tem um procedimento muito particular; deve-se seguir determinadas normas para se conseguir os melhores resultados nas temáticas específicas de cariz sensível e que pode ser socialmente problemático. Por isso, as entrevistas devem ser realizadas num local em que a entrevistada se sinta segura, relaxada e que lhe seja familiar para que consiga exprimir as opiniões, ideias e perceções

sobre o tema de forma livre. Trata-se de uma conversa sobre temas e questões que a entrevistadora propõe ao longo da mesma; assim, pode prolongar-se por diversos minutos ou até mesmo horas, consoante a disponibilidade e abertura da entrevistada.

As visitas da pesquisadora, intercaladas com as entrevistas semiestruturadas, criaram um ambiente mais favorável para que as mulheres se sentissem seguras e disponíveis para falar e debater sobre os assuntos mais sensíveis.

Como refere Martin Bauer e George Gaskel:

*“A entrevista individual ou de profundidade é uma conversação dura normalmente entre uma hora e uma hora e meia. Antes da que entrevista, o pesquisador terá preparado um tópico guia, cobrindo os temas centrais e os problemas da pesquisa.” (Bauer e Gaskel, 2002, pp. 82)*

Para finalizar esta ideia, a conclusão é que o método qualitativo/entrevista foi o mais adequado para a pesquisa, pois auxiliou e deixou mais confortável as entrevistadas, possibilitando, assim, explorar e adaptar o guião para conseguir obter dados mais precisos sobre o tema em estudo.

# Capítulo 3: Enquadramento Teórico

## Estado da arte

Max Weber debruçou-se sobre as relações comunitárias étnicas, abordando diversas perspetivas sobre grupos e comunidades dentro de um país e como vivenciavam o seu sentimento de pertença. Este autor clássico é essencial para a minha investigação, pois o grupo que seleccionei é uma minoria étnica e excluída da sociedade, no seu geral.

Weber (2000) demonstra que o elemento diferenciador pode causar um sentimento de estranheza e repulsa por parte da comunidade dominante, assim, se um grupo tiver uma vestimenta, um estilo próprio, uma alimentação díspar do resto da sociedade pode desencadear um processo de afastamento e repulsa por parte dos grupos dominantes. Tal como esta mencionado na referência seguinte:

*“Diferenças no penteado e na barba, nas roupas, na alimentação, na divisão habitual do trabalho entre os sexos e, em geral, todas as diferenças que saltam à vista (...) podem, no caso concreto, ocasionar repulsão ou desprezo da parte de pessoas de costumes distintos e, como reverso positivo, uma consciência de comunidade entre as homogêneas, a qual pode tornar-se então portadora de uma relação comunitária com a mesma facilidade que, por outro lado, toda espécie de comunidade, desde a doméstica e de vizinhos até a política e religiosa, é geralmente portadora de costumes comuns.”*  
(Weber, 2000, pp. 269)

Como podemos observar, a cultura cigana tem costumes, normas, trajes, entre outros aspetos, desiguais da sociedade dominante, o que leva a um afastamento social e físico, devido a não aceitação dessa diferenciada cultura. Contudo, a comunidade cigana tem inúmeros pontos de ligação com a sociedade portuguesa, como, por exemplo, a nacionalidade, a língua, os traços físicos bastante semelhantes e, por vezes, até a religião; porém, esses aspetos não são suficientes para existir uma integração social positiva.

A obra (Economia e Sociedade), base teórica deste trabalho, refere que quando um determinado grupo não se enquadra na sociedade dominante, não existe apenas um afastamento cultural dos indivíduos, mas sim um afastamento físico, levando a que haja uma invisibilidade do grupo. (Weber, 2000) Consequentemente, esse afastamento provoca uma invisibilidade política, social e até mesmo pessoal, haja visto que grupos como a comunidade cigana estão essencialmente inseridos nas periferias das cidades, em bairros sociais ou em “barracas”, onde as condições de vida são precárias e os acessos dificultados, conduzindo a uma exclusão social muito acentuada.

Um dos pontos fundamentais que poderiam ajudar a uma integração da comunidade cigana seria a língua portuguesa e a facilidade com que todos conseguimos comunicar no nosso território. No entanto, tal como está referido na obra de Weber, ter a mesma língua não faz com que os grupos minoritários tenham o sentimento de pertença e de cidadãos nacionais.

Weber demonstra que não basta saber a mesma língua para sentirem que fazem parte da sociedade dominante; é algo muito mais complexo. Como podemos observar na citação:

*“Mas, para despertar o chamado "sentimento nacional" deixamos de defini-lo por enquanto, não basta a comunidade de língua, conforme mostra, além do já mencionado, o exemplo dos irlandeses, suíços e alsacianos de língua alemã, os quais não se sentem, pelo menos não em pleno sentido, membros da "nação" designada por seu idioma. Por outro lado, diferenças de língua não são um obstáculo absoluto para o sentimento de comunidade nacional" (...) Existem, portanto, diversos "graus" de univocidade qualitativa da crença na comunhão "nacional".” (Weber, 2000, pp. 275)*

Para alcançar os meus objetivos, vou começar por definir e fazer uma breve explicação das duas grandes áreas que sustentam a minha dissertação. Inicialmente, começar por explicar o que é a etnicidade e as suas principais teorias e, desta forma, demonstrar a minha visão sobre este tema. Em seguida, fazer uma definição e demonstrar as principais teorias de género, focando o papel das mulheres dentro da comunidade cigana.

O conceito de etnicidade implica características e práticas culturais comuns que podem distinguir de outras culturas e da cultura dominante, aproximando os indivíduos que tem as mesmas características do grupo. Tal como podemos corroborar com a cultura cigana, com normas, tradições e regras bastante distintas da cultura dominante.

Baseando-se em Giddens (2013) e Rodrigues (2021), ambos afirmam que a etnicidade se refere às práticas culturais e perspectivas que são bastante díspares da sociedade geral. Os grupos étnicos conseguem se aperceber dessa realidade diferencial e são entendidos pela sociedade geral como diferentes. (Rodrigues, 2021)

Sobre este conceito, Fernando Machado afirma que:

*"falar de etnicidade é genericamente, falar da relevância que a pertença a determinados grupos étnicos pode adquirir no plano das desigualdades sociais, das identidades culturais e das formas de acção colectiva", ganhando "tanto mais relevância quanto mais acentuadas forem os contrastes [sociais e culturais] de uma minoria com a sociedade em que está fixada (...)". (Casa-Nova, 2002, pp. 56)*

O que conseguimos retirar esta citação é que quando os grupos étnicos têm características muito diferentes da sociedade onde estão inseridos, leva que existam fortes desigualdades sociais, tal como acontece com a comunidade cigana. Neste caso, a esta minoria étnica tem passado por diversos processos de desigualdade como a falta de condições de habitação, de falta de oportunidades a nível escolar, de trabalho entre outras áreas sociais.

Contudo, existem três fatores que constroem as coletividades independentes que são: “(...) a ideia de um carácter comum - origem, história e tradições; a diferença em relação a outros grupos; e interacção entre os grupos, num contexto plural e mais ou menos hierarquizado” (Rodrigues, 2021, pp. 197).

Em conformidade com os autores atrás referidos, a cultura cigana tem um carácter comum, a sua origem e tradições, e tem aspetos bastante díspares dos diversos grupos na sociedade no seu geral. Este grupo apresenta uma forte dinâmica grupal, ou seja, toda a sua rotina diária pode passar por uma exclusividade do grupo (principalmente da mulher), o que leva a uma forte exclusão da mesma e dos outros. Dentro da mesma, conseguimos encontrar uma hierarquia que é muito masculinizada.

Nesta revisão bibliográfica, achei pertinente fazer um breve resumo das teorias da etnicidade, na perspetiva de que vão ajudar a entender como se desenvolveu o conceito de etnicidade e a diversidade de perspetivas sobre o conceito. Para isso, como bibliografia básica, foram utilizados os trabalhos de José Cavaleiro Rodrigues e de Carlos Branco.

Começando pela Teoria Primordialista, o autor com maior importância é Clifford Geertz, nomeadamente sobre a importância do processo de socialização primária, que tem um peso fundamental para entender a etnicidade; ou seja, a identidade de cada indivíduo esta ligada, condicionada aos valores, tradições e culturas do meio social do qual faz parte. (Branco, 2006)

A partir da teoria primordialista, existe uma subcategoria sociobiológica que defende a ideia de que as características biológicas explicam o comportamento humano. Dentro desta perspetiva, existem dois grupos de autores: os mais radicais, que defendem que a única explicação para o comportamento é a biologia, que as características biológicas são fixas e as culturais são mais flexíveis; os mais moderados entendem que a biologia é algo mutável e que a cultura ajuda a adaptação ao ambiente onde estão inseridos, por meios não biológicos. Como explica de forma mais específica a seguinte citação:

*“Os sociobiologistas discordam entre si quanto à força das causas biológicas para explicar o comportamento humano. Para alguns deles – os radicais – o comportamento social é explicado exclusivamente pela biologia; certas tendências comportamentais observadas em humanos têm causas genéticas intrínsecas. Os genes explicam o comportamento humano porque são sólidos e seguros, enquanto que a cultura é efêmera, inconstante, contingente e não é fiável; para outros – os moderados – o comportamento social explica-se através de uma mistura de biologia e cultura; a base biológica do comportamento humano pode ser anulada ou alterada pelas poderosas capacidades culturais da espécie, as quais moldam o ambiente e provocam uma adaptação a elas por meios não biológicos.”* (Branco, 2006, pp. 131)

Outra teoria é a Instrumentalista, que entende que a etnicidade é algo que surge de forma natural e biológica, ou seja, defende que os processos de socialização por parte das elites e comunidades onde estão inseridos os indivíduos moldam as formas de pensar e modos de vida, num processo que é constante ao longo da vida (Branco, 2006)

Os autores dessa teoria consideram que a etnicidade não é algo fixo e constante, ou seja, *“acima de tudo, consideram a etnicidade um conceito elástico, cujas fronteiras e conteúdos são variáveis e sujeitos a mudança”* (Branco, 2006). Desta forma, entendem que a etnicidade é algo que varia consoante a perspetiva e configuração ao longo do tempo.

Os instrumentalistas acreditam que a identidade étnica é um fenómeno social no qual está ligado à cultura e não de forma biológica. Assim, os mesmo acreditam que os grupo étnicos, como a comunidade cigana, são construídos a partir de valores, tradições e costumes de formas mais profunda do que um elemento hereditário (Branco, 2006).

Portanto, a identidade étnica é algo construído socialmente e pode se modificar mais ou menos consoante os momentos históricos, económicos e sociais, condicionados pelas elites políticas que detém o poder.

*“Para os instrumentalistas a identidade étnica é uma construção social que pode ser aumentada ou diminuída, em determinados momentos históricos e contextos económicos e sociais, por elites políticas na busca de poder. Segundo esta escola, a opção étnica é uma escolha individual feita em liberdade; é escolhida em vez de atribuída.”* (Branco, 2006, pp. 134)

Os instrumentalistas acreditam que os conflitos étnicos são impulsionados pelas elites, pela manipulação das minorias, por interesses políticos ou económicos. As dinâmicas sociais estão condicionadas pelos próprios interesses das elites consoante a

estratégias que as mesmas considerem mais vantajosa, de forma a saírem sempre beneficiadas (Branco, 2006).

No que se refere à teoria construtivista, um dos pressupostos é que a identidade étnica é algo construído, contrariando a ideia que é algo herdado e fixo. Considera, portanto, que se trata de um fenómeno social em constante mudança – os fatores são dispare e não algo pré-adquirido (Branco, 2006).

Nesta perspetiva, a etnicidade está ligada às diversas interações sociais que existem dentro de um grupo específico e com os outros, levando a uma identidade própria do grupo étnico. Os construtivistas acreditam que a etnicidade e as suas manifestações políticas têm como substância as relações históricas, culturais e ambientais, de forma a abranger vários campos da vida social (Branco, 2006).

Segundo ainda esse autor, os construtivistas admitem que a etnicidade é composta por uma “comunidade imaginada”, uma construção social. Desta forma, se desenvolve com muitas definições e redefinições, que sucedem tanto a nível do estado como da sociedade (Branco, 2006).

Portanto, os construtivistas acreditam que os conflitos étnicos são marcados pelo sistema social e não como uma perspetiva do individuo. Demonstram que é a partir das conceções sociais dos diversos grupos dentro de uma determinada sociedade que leva a múltiplos conflitos étnicos. Conforme está explicito na seguinte citação:

*“Por isso, os construtivistas tendem a ver o conflito étnico como o resultado de ligações subjectivas e emocionais a uma comunidade imaginada. (...) As suas considerações sobre conflitualidade étnica aplicam-se apenas a conflitos que têm por base grupos e clivagens socialmente construídas, religiosas, regionais, ou grupos nacionalistas cuja existência não resulte de escolhas individuais.” (Branco, 2006, pp. 142)*

O conceito de género, de uma maneira geral, aplica-se quando queremos distinguir e referenciar o feminino e o masculino como categoria e não com o significado de sexo masculino ou feminino (Fowler, *Dictionnary of Modem English Usage, Oxford 1940 Cit in Joan Scott, 1990, pp. 71*).

Ao falar de género é inevitável falar de sexo, mas a Sociologia faz uma separação entre os dois conceitos - quando nos referimos ao “sexo” estamos a mencionar diferenças biológicas, anatómicas e fisiológicas que existem nos corpos masculinos e femininos. No caso de género, o foco são as diferenças psicológicas, sociais e culturais de cada sexo, ou seja, comportamentos, normas, regras que estão implicitamente associadas a cada género (Giddens, 2013).

Para Scott (1995), a definição de gênero consiste em duas proposições: a primeira, como um constitutivo de relações sociais, na qual está direcionada para as diferenças de sexo, que implica quatro elementos - os símbolos culturalmente disponíveis, conceitos normativos, inclusão de uma concepção de política e a identidade subjetiva. A segunda proposição de gênero é uma forma primária para dar significado as relações de poder. Ideia presente na seguinte citação

*“O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional. Como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas, o gênero implica quatro elementos interrelacionados: em primeiro lugar, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas, mas também mitos de luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção.” (Scott, 1995, pp. 86)*

Para consolidar o conceito de gênero, é pertinente fazer um resumo das principais teorias existentes. Começando pela perspectiva biológica, a ideia principal é que os homens e as mulheres têm características diferentes, a nível biológico, físico e anatômico e que estas características influenciam os comportamentos psicológicos, sociais e comportamentais de cada um. Ou seja, cada um dos sexos tem comportamentos pré-definidos. Como o homem tem uma estrutura física mais musculado, o mesmo está associado a certos comportamentos com uma tendência mais agressiva e dominadora. Esta tendência reflete-se no trabalho, atuando em ocupações profissionais consideradas mais ‘masculinas’, criando, assim, uma percepção de “gestor de família” (cabeça de casal). No caso do sexo feminino, as características físicas fazem com que esteja associada a características mais dóceis e protetora, levando a ocupações domésticas, familiares e de proteção do lar, criando uma percepção de portadoras do instinto maternal. (Tilio, 2014). *“Em suma, as mulheres seriam mães por excelência, portadoras de um instinto materno, e os homens seriam viris, proativos por natureza, devendo sustentar o lar (Badinter, 1993, pp. 128 Cit in Tilio, 2014).*

Esta teoria tem por base uma ideia primordial binária de que existe o homem/mulher e macho/fêmea, responsável pela reprodução da espécie e a associação de comportamentos e funções específicos para cada gênero. No texto “Teorias de Gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas”, o autor utiliza como exemplo o caso dos transsexuais, que precisam de associar o corpo físico ao



sentimento psicológico. Ou seja, para conseguirem sentir que fazem parte de um dos géneros, o físico tem de corresponder ao psicológico e vice-versa. *“Em linhas gerais, nessa perspectiva, a sexualidade seria uma extensão da natureza biológica (anatômica) que garante (pela complementaridade) a perpetuação da espécie”* (GALLI, VIEIRA, GIAMI & SANTOS, 2013 Cit in Tilio, 2014, pp. 129).

As teorias da Psicologia e da Antropologia têm uma mesma ideia central – baseando-se na forma binária macho/fêmea, aborda a dominação do sexo masculino sobre o feminino, condicionando os comportamentos de ambos. No caso da Psicologia, os autores com maior influência foram Freud e Lacan. Para estes psicanalistas, a explicação para os papéis diferenciados de género estava na infância – os pais moldam as identidades de género das crianças, a partir do pénis ou a falta dele. Desta forma, a seguinte citação demonstra como se desenvolvem os diversos géneros e os motivos para os seus comportamentos:

*“De maneira resumida, em determinada fase do desenvolvimento psicosexual, os meninos (por possuírem pênis) se identificam amorosa e eroticamente com a figura materna (por naturalmente desejá-la por ser mulher) e rivalizam com a figura paterna (por disputar a mãe consigo e repudiar as inclinações homossexuais), o que os direciona para uma postura heterossexual masculina típica (amor e inclinação sexual pelas mulheres; rivalidade e rechaço sexual pelos homens); por sua vez, as meninas (não possuidoras do pênis) se identificam amorosamente com o pai (portador do pênis e, portanto, passível de ser desejado pelas mulheres, além de poder fornecer no futuro a complementaridade que as mulheres tanto desejam: um filho) e com a mãe (que captou o desejo do pai mesmo, sendo incompleta, pois também lhe falta o pênis/falo) ao mesmo tempo em que rivalizam com a mãe (que detém os interesses do pai), inclinando-se, portanto, ao amor pelos homens e desinteresse sexual pelas mulheres.”* (Tilio, 2014, pp. 130)

Assim, o sexo masculino está em vantagem por causa da posse do pénis. E isso influencia os comportamentos, normas e valores dos diversos géneros, mas principalmente do feminino. Como menciona Freud, o pénis é o orientador da vida psíquica e desta forma os homens têm vantagem em relação as mulheres, no qual os mesmos designam o que é normal, suportando que o homem é orientador de um padrão de heterossexualidade (Tilio, 2014).

Na perspetiva antropológica destacam-se Françoise Héritier e Pierre Bourdieu, que defendem que a diferença anatômica e sexual entre cada género desencadeia desigualdades e diferenças, de acordo com a cultura e da história de cada local onde se encontram (Tilio, 2014). Ou seja, existe de facto uma diferença nos corpos de ambos os

sexos, logo o fator biológico tem a sua importância e relevância. Assim, os antropólogos defendem que as representações de cada gênero podem se modificar a nível da história e do local onde estão inseridos, conduzidos os mesmos a um trabalho de compreensão e descobrimentos das distintas representações de gênero (Tilio, 2014).

Uma das impulsionadoras da teoria moderna de gênero foi a Joan Scott, que define gênero: “*como o conjunto dos sentidos dinâmicos (não biologicamente determinados) construídos nas relações de poder que sustentam as relações entre homens e mulheres*” (Scott, 1998 Cit in Tilio, 2014, pp. 133).

A autora faz uma separação entre sexo e gênero, no qual distingue, de forma acentuada, que estamos a falar de assuntos diferentes. Refere que sexo é uma característica biológica diferenciada entre homem e mulheres e não se modifica nem se altera ao longo da história; ou seja, o sexo é um fator biológico. Não há comportamentos ou atos naturalmente associados, mas sim relações de poder (Tilio, 2014).

Uma das visões de Scott é que, no estudo de gênero, é essencial a perspectiva histórica, pois é a partir dela que conseguimos explicar e perceber a dinâmica entre sexo/gênero e como se desenvolveram os processos de construção e da diferenciação sexual. Considera que gênero é uma categoria analítica sociológica; no sentido macro, passa por entender os símbolos culturais das relações humanas e, numa perspectiva micro, a internalização e identificação da diferença sexual de cada indivíduo (Tilio, 2014, pp. 134).

No fundo, gênero deve ser uma maneira de pensar a história, como menciona Scott, na seguinte referência: “*(...) gênero seria tanto uma maneira de pensar a história (categoria analítica), como um instrumento para entender a história por meio das hierarquias sociais e suas relações de poder, e também um meio de intervenção social*” (Tilio, 2014, pp. 135).

Por fim, desta análise conclui-se que a teoria instrumentalista da etnicidade é a que se encaixa melhor para a análise deste tema, pois tem por base um caráter cultural, que transforma e molda os indivíduos consoante a comunidade onde estão inseridos. Desta forma, um indivíduo passa por processos de socialização primários e secundários, que demonstram como os mesmos devem se comportar. No entanto, a etnicidade para esta teoria está sujeita a modificações – o nível histórico, económico e social é algo não fixo, mas sim dinâmico e instável. Esta teoria também defende que as figuras de poder têm um papel fundamental, tanto a nível positivo como negativo, e são os principais impulsionadores de conflitos entre minorias étnicas e a sociedade dominante.

A etnia cigana encaixa perfeitamente neste modelo, pois são os costumes, rituais, tradições e normas que “transformam” os indivíduos em elementos dessa comunidade.

Podemos afirmar que a percepção que temos da comunidade cigana é fortemente influenciada por preconceitos, estigmas e discriminações impulsionadas por um grupo dominante e até por influência do Estado, que nunca valorizou e criou meios para integrar de forma positiva esta comunidade.

Nesta perspetiva, conclui-se que a teoria moderna de género é a que faz mais sentido para este trabalho, pois distingue o que é sexo e género, considerando o sexo como um fato biológico e o género uma categoria histórica. Esta teoria realça que género é uma categoria analítica da sociologia: num plano mais macro entender os símbolos culturais das relações humanas e no campo mais micro identificar as diferenças sexuais de cada indivíduo. No caso do presente trabalho, num contexto mais macro, irei verificar como são distribuídas as formas de género na cultura e, num campo mais micro, analisar os comportamentos e as formas de pensar da mulher cigana, visando entender como funciona os papéis de género dentro da comunidade.

## **Caracterização da etnia cigana em Portugal**

Um dos fatores mais importantes da história da comunidade cigana em Portugal é a existência de um forte nomadismo, ou seja, por não se fixarem num único local. Quanto às origens, alguns estudos consideram que vieram da Índia e, posteriormente, uma forte dispersão pela Europa.

Portugal foi um dos países onde a comunidade cigana se instalou, por volta de 1500. No início, o governo estava mais focado nas ex-colónias (Bastos, 2007) e não nesta minoria presente no país. Mesmo permanecendo por séculos no país, este grupo continua a ser excluído e viver à margem da sociedade. No entanto, com o passar dos anos, houve uma melhoria, em termos jurídico-legais, nomeadamente a partir do 25 de Abril.

Com cerca de 30 000 a 50 000 indivíduos residentes em Portugal, a etnia cigana tem um historial bastante significativo no país. Tal como podemos verificar neste trecho, a população cigana sempre teve uma maior dificuldade para aceder a todos os seus direitos.

Os ciganos ao longo do seu percurso em Portugal têm sido alvos de grandes preconceitos e discriminações, que levaram a uma forte exclusão por parte da sociedade no seu geral, tornando-se numa comunidade bastante isolada e, conseqüentemente, com enorme dificuldade de integração social.

*“Para o pesquisador português Gabriel Pereira Bastos (2012), Portugal tem feito pouco para mudar a situação incômoda que os ciganos ainda vivem. Pois mesmo passados cinco séculos, a falta de políticas públicas específicas para*

*os ciganos tem os mantido na situação de marginalidade em Lisboa e nas demais cidades do país.” (Marcio Edovilson Arcas e Ademilson Batista Paes, 2020, pp. 133)*

A comunidade cigana tem uma cultura muito enraizada e sólida, no sentido em que todos os costumes e práticas são tradicionais e tem uma lógica histórica, no qual fazem parte as várias gerações: as tradições, os costumes, uma língua, valorização dos mais velhos, o luto, entre outros fatores, que os distinguem dos não-ciganos (Magano, 2017, pp. 153-187).

Algo que está associado a comunidade cigana é a mobilidade, que tem diversas formas de efetuar: “(...) *nômades (não se fixam), seminômades (se deslocam e se fixam temporariamente) (...)*”, ou podem estar localizados de forma permanente num local que se caracteriza como “(...) *sedentários (fixos).*” (Pereira, Carvalho e Pereira, 2019, pp. 137). Como nunca se fixaram num único local ou fixaram-se temporariamente, esta característica teve muito influência em relação aos preconceitos e discriminações que sofreram e sofrem até aos dias de hoje.

Contudo, podemos encontrar aspetos semelhantes à sociedade portuguesa, pois os ciganos têm uma estratégia de adaptação, acabando, assim, por deixar-se influenciar pelas diversas sociedades em que estão inseridos. No caso de Portugal, acabam por interiorizar traços culturais e sociais para facilitar a integração na sociedade dominante; ou seja, os percursos pessoais, profissionais e familiares acabam por sofrer alterações consoante a sociedade dominante.

A etnia cigana tem várias características que a tornam singular como: as leis ciganas, no quais os conflitos devem ser resolvidos internamente; o respeito pela família; casamento único; a superioridade do homem; a virgindade da mulher; o luto; admiração e proteção dos mais velhos e dos mais novos; entre outros (Comissão Parlamentar de Etnia, Sociedade e Cultura, 2007).

Esses aspetos ajudam a entender e perceber esse grupo na perspetiva do género. Então vejamos. Existe uma forte tendência para a desvalorização do papel da mulher e uma valorização do papel do homem; a mulher abdica de vários interesses da sua vida para conseguir ser aceite e respeitada dentro da comunidade, tais como: a retirada precoce da escola para proteção da virgindade e o seu papel doméstico durante a sua vida. No caso do homem, predomina uma ideia machista da vida pessoal e valorização do seu papel social dominante na comunidade.

De uma forma geral, a comunidade cigana passa por diversos problemas sociais como a habitação, saúde, o emprego, o ensino e a pobreza, como tantas outras minorias étnicas em Portugal, o que leva a existir uma forte desigualdade em relação a sociedade no seu geral. Esses dois fatores em simultâneo, as características da comunidade (com

rituais, valores, normas bastante díspares da sociedade onde estão inseridos) e as desigualdades sociais levam que haja uma exclusão da comunidade cigana, o que desencadeando desigualdades e um afastamento da mesma por parte da sociedade dominante (Mendes, 1997).

## **Famílias Ciganas**

A forma como se organiza a comunidade cigana é um clã, que tem como distinção de descenderem de um “antepassado mítico comum e que se sentem unidos por laços de parentesco” assim, este grupo é caracterizado por diversas famílias com várias gerações em candeia e que se trata de “famílias alargadas, as quais são compostas de grupos familiares nucleares”; ou seja, várias famílias compõem o clã caracterizadas por famílias de diversas gerações (Rodrigues e Santos, 2006, pp. 189).

A família é um fator fundamental para o povo cigano. A forte prática da endogamia, visando preservar os valores, tradições e características da etnia cigana. As famílias ciganas têm uma forma bastante tradicional, nomeadamente nas estratégias de casamento.

*“Como tal, as alianças matrimoniais são, por isso, extremamente importantes, porque permitem, na mudança, a manutenção da organização social, conferindo-lhe, simultaneamente, estabilidade e continuidade.”*  
(Rodrigues, e Santos, 2006, pp. 197)

Uma das características é a forte participação dentro da comunidade, de tal forma que todas as ações individuais ou em grupo têm consequências positivas ou negativas para a comunidade. Os comportamentos de cada indivíduo podem assim ditar o prestígio da comunidade e vice-versa; ou seja, quando um indivíduo tem algum comportamento, o grupo automaticamente está associado a este (Rodrigues e Santos, 2006).

A cultura cigana se unifica a partir de dois pontos essenciais, que são: o sangue e os costumes. O parentesco tem uma importância fulcral, pois molda a comunidade, no sentido em que o grau de parentesco determina o grau de autoridade e importância dentro da comunidade. Os costumes “balizam” e “controlam” os comportamentos dos mesmos, para assegurar que haja uma continuidade da comunidade cigana (Magano, 2017).

Como em outras comunidades, há um “líder”, que influencia toda a dinâmica do grupo, como, num campo particular, as dinâmicas familiares, marcadas pelas ideias do líder. No caso, uma das consequências desta influência é o lento desenvolvimento e a tardia emancipação da mulher dentro da comunidade. A comunidade cigana tem uma fraca aceitação para tudo que contrarie as suas leis, levando a que os divórcios, os

homossexuais, os segundos casamentos, entre outras situações, sejam colocados de parte e excluídas da comunidade.

Assim, predominam os indivíduos casados e com filhos, de preferência pelo menos um filho do sexo masculino. Por norma, os filhos ficam com a sua família de origem e as filhas tem de se deslocar para a família do seu marido. Tal como está reafirmado na seguinte citação:

*“(...) a surge aqui como elemento-base de integração comunitária. As unidades familiares são extendidas, por vezes surgem famílias com mais de um núcleo, o que nos revela a conservação de uma forma de organização tradicional. Tal fica-se a dever ao fato de os filhos varões se conservam na ou junto à casa paternal por casamento; enquanto as filhas têm que partir para junto dos sogros; (...)” (Mendes, 1997, pp. 214-215)*

O papel da família e do casamento são essenciais para se conseguir integrar dentro da comunidade cigana. Em ambos os campos, a mulher, durante a sua vida, tem um papel submisso em relação aos membros masculinos. No campo da família, a mulher é educada de forma díspar dos homens, pois são conduzidas a uma aprendizagem mais doméstica e de cuidadora. No casamento tem de efetivar o que aprenderam na sua infância - obedecer de forma incondicional ao seu marido e cuidar dos seus filhos. Já no processo de viuvez também de se encontra desigualdade de género, pois os homens podem casar de novo, já as mulheres é algo proibido e tabu (Magano, 2017). (No próximo capítulo vou aprofundar melhor esta questão.)

## **Papéis de género na comunidade cigana**

Na organização da comunidade cigana há uma forte influência e poder do papel do homem, no qual a autoridade máxima é designada por “Tio”, no qual se trata de *“(...) um chefe natural, aceite como tal pelas suas qualidades de liderança, orientação e sabedoria, não só no que concerne a assuntos económicos, como às relações sociais internas e externas”*. (Pinto, 1995, Cit in Rodrigues, e Santos, 2006, pp. 192). Como se pode observar, o papel mais importante da comunidade é dado a um homem, demonstrando a importância do mesmo na comunidade. Este líder deve ter característica como um homem de certa idade, com uma família numerosa, tendo um negócio ou riqueza e ter uma personalidade de líder e que passe segurança para a comunidade para resolver os problemas e conflitos da mesma (Rodrigues e Santos, 2006).

Assim, podemos verificar que o povo cigano tem como ideia de autoridade do mais velho para o mais novo e do homem para a mulher, ou seja, o mais velho tem mais autoridade que o mais novo, no sentido em que tem mais experiência e mais “saberes” e

o homem tem mais autoridade e força que a mulher, pois a mulher tem de ser submissa ao mesmo.

Os papéis de género estão bastante marcados na comunidade cigana. Neste sentido, o homem tem um papel dominante e a mulher de submissa. Devido aos distintos papéis de homem e mulher, essa comunidade ficou rotulada por “(...) *machista e patriarcal pelo fato de se atribuir uma valorização maior no papel social do homem e que se repercute pelo papel de submissão imposto às mulheres ciganas*” (Magalhães, 2005, Nunes, 1996, Casa-Nova, 2009 Cit in Magano, 2017, pp. 156-157).

Dois fatores que são essenciais para entender a cultura cigana são o sexo e a idade, pois estes determinam o grau de autoridade e respeito de cada indivíduo: os jovens têm pouca autoridade em relação ao mais velhos, no mesmo sentido o sexo feminino em relação entre o sexo masculino.

A partir dos 6/7 anos de idade, as raparigas passam a ter uma responsabilidade mais familiar e doméstica e os rapazes liberdade de poder andar sozinhos, podendo se ausentar da comunidade cigana. As meninas ao chegarem aos 8 anos são retiradas da escola, pois já tem as competências base como ler e escrever e para não existir qualquer contato com os não-ciganos, de forma a não existir ligações emocionais (e principalmente sexuais) com os mesmos (Bonomo, Souza, Livramento, Canal, Brasil, 2007).

Tal como podemos observar as diferenças entre dos dois géneros são bastante evidentes, ou seja, o homem tem mais liberdade de circulação, tem mais direito em estudar, pode ter uma profissão e as mulheres um papel mais doméstico e familiar. Contudo, as mulheres têm um papel que é fundamental para a comunidade, pois são responsáveis pela educação e transmissão de valores e tradições (Lopes, 2008 Cit in Magano, 2017, pp. 157).

As mulheres passam por uma cultura de vigilância e restrição de locais e comportamentos, ou seja, acabam por deixar a educação muito mais cedo que os homens, devido ao matrimónio – as raparigas têm que ser virgens, tem de saber realizar a vida doméstica e tem que casar com um homem cigano.

Desta forma, a mulher cigana acaba por estar num forte controlo, devido às leis ciganas que lhes são impostas, desde o início das suas vidas, passando por diversas “provas” e comportamentos impostos para ser digna e respeitada dentro da comunidade. Como descrito na seguinte citação:

*“O primado do homem sobre a mulher pode assumir formas violentas, que incluem a exigência do compromisso endogâmico nas mulheres sob pena de serem votadas ao ostracismo, o controlo da virgindade feminina no ritual nupcial, a exigência da fidelidade feminina mesmo após a morte, a dominação*

*machista materializada em solicitações assimétricas que têm o valor de ordens, bem como de humilhação simbólica e a agressão física.” (Bastos, Correia & Rodrigues, 2007, p. 151 Cit in Magano, 2017, pp. 157)*

Ao longo desta análise de género na comunidade cigana conseguimos entender que o papel das mulheres, mesmo que seja visto como essencial, é de submissão - a última palavra e decisão são do homem. Além dessas restrições internas, que a mulher passa dentro da comunidade, fora dela também existem os preconceitos e estigmas, pois a mulher cigana não pode trabalhar e tem vestimentas distintas da sociedade em geral. Por consequência, as mulheres ciganas têm uma maior dificuldade de integração na sociedade onde estão inseridas, devido ao facto de terem ideias e valores diferentes, como, por exemplo, o nível de escolaridade, a falta de liberdade, o vestuário, etc.

Portanto, a mulher cigana tem um papel doméstico e focado essencialmente na família. Contudo, a mulher cigana é o elemento mais importante para a transmissão dos valores passado para os filhos e também pela educação formal, pois são elas que resolvem e conduzem o processo escolar dos filhos.

Podemos concluir que a emancipação das mulheres ciganas tem sido um processo lento e bastante individual, ou seja, tem acontecido por parte de algumas mulheres de forma pontual e não de forma generalizada. O pensamento de muitas mulheres ciganas passa por não concordar “(...) com tratamentos machistas dos maridos. Já não aceitam que sejam elas a impor certas maneiras de vestir e de se lhes proibir a saída com rapazes da sua idade. Protestam contra a rigidez dos pais e irmãos sobre elas (...) estão desacordo com a tradição” (Nunes 1996 Cit in Magano, 2017, pp. 177).

Neste contexto, as mulheres ciganas têm lutado por ter mais oportunidades educacionais-escolares, maior liberdade fora da comunidade e, principalmente, conseguir ter uma independência financeira, entre outras conquistas.

*“(...) à socapa da família, ter amigos não ciganos e atualmente o acesso ao telemóvel e às redes sociais permite uma amplitude de relações sociais que tradicionalmente estavam mais condicionadas”, e a forma mais radical é a fuga da comunidade (Magano, 2014, pp. 177-178).*

Na cultura cigana existe uma “a maior valorização das iniciativas e decisões individuais em detrimento das ações coletivas” (Rodrigues e Santos, 2006, pp. 200). Esse processo de individualização da comunidade cigana, tal como na sociedade em geral, favorece o movimento de mudança das mulheres ciganas – pensamento mais crítico e uma vida profissional mais estável, uso das redes sociais, da tecnologia,



provocando uma maior abertura e contacto com outras culturas e formas de vida (Magano, 2017).

Uma das conquistas mais relevantes das mulheres ciganas foi conseguirem estar mais tempo na escola - as mulheres ciganas têm um índice baixíssimo de escolaridade-, o que ajudou imenso na integração na sociedade portuguesa e no seu desenvolvimento pessoal. Outra conquista é uma maior abertura por parte da comunidade e das mulheres na utilização dos métodos contraceptivos, o que ajuda significativamente a vida das mulheres - ao conseguirem controlar o número de filhos e a atrasar a idade do primeiro filho, garante uma melhor qualidade de vida (Magano, 2017).

## Capítulo 4: Conceitos essenciais

### Clã

Como conseguimos confirmar no caso da comunidade cigana, o clã é um grupo de indivíduos bastante restrito e que na sua maioria é núcleos de famílias, no qual tem interesses em comum que, por norma, estão à margem da sociedade (Rodrigues e Santos, 2006).

Tal como referido no capítulo “Grupo Social, Género e Família na Etnia cigana: O caso dos ciganos evangélicos”, o clã é *“entendido como um grupo de pessoas que descendem de um antepassado mítico comum e que se sentem unidos por laços de parentesco, real ou imaginário”* (Llopis 2000, pp. 189, cit in Rodrigues e Santos, 2006).

Ainda sobre o conceito de clã, trata-se de um grupo que é orientado por uma descendência unilinear, no qual se pode apresentar por patrilinear, no caso do homem, e matrilinear, no caso de mulher. (Serpa, 2013) Assim, podem existir diversas formas deste grupo com uma vertente mais masculina ou feminina; ou seja, a descendência pode esta focada na família masculina ou feminina. Contudo como refere o autor Lawrence há uma maior tendência para existir mais clãs masculinos do que femininos:

*“(...) por sua vez, descreve a existência de grande número de “clãs” nos quais a descendência designa apenas o lado masculino, para os quais sugere o termo “patriclã”. Para os demais grupos, que determinam a descendência feminina, o teórico propõe o termo “matriclã”. (Lawrence, 1937, pp. 944 cit in Serpa, 2013)*

### Etnia

Primeiramente, o conceito de etnia tem uma origem grega, “ethnos”, que engloba um sentimento de pertença e de aceitação de um grupo com aspetos comuns que vão além dos aspetos biológicos e familiares. (Silva e Soares, 2011)

A definição de etnia passa por uma caracterização de um grupo por fatores de carácter cultural comuns - *“é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais - língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ - que são partilhadas por um povo”* (Rodrigues, 2021, pp. 196).

Também pode ser entendido como uma *“comunidade linguística e religiosa; relativa unidade territorial; tradição mítico-histórica (descendência bilateral, a partir de um antepassado real ou imaginário); tipo comum de organização do espaço; sentimento de pertença”* (Rodrigues, 2021, pp. 196).

A etnia é uma cultura específica com traços comuns que a distingue da cultura dominante. Numa perspetiva antropológica, a etnia é um grupo que partilha características a nível biológico, de organização social e política, uma língua entre outras. (Casa-Nova, 2002) No caso do nosso estudo, os ciganos têm uma cultura específica e particular, que se diferencia da cultura portuguesa dominante, no qual maioritariamente são colocados à margem da sociedade devido às suas características dispare.

No artigo, “Nós e Eles: Etnia, Etnicidade, Etnocentrismo”, Elio Flores reafirma essa mesma ideia, de que a etnia apresenta características comuns, que envolve aspetos sociais, culturais, económicos e biológicos. Se estas características não forem iguais ou semelhantes às do grupo dominante, os membros desta etnia acabam por estar excluídos ou excluírem-se da sociedade onde estão inseridos, pois certas normas ou tradições podem chocar com a cultura dominante. Como define o autor Flores:

*“Etnia expressa uma realidade cultural na qual as pessoas que formam um determinado grupo étnico se baseiam na percepção comum e experiências espirituais compartilhadas e, com frequência, visam superar privações materiais.” (Flores, 2008, pp. 2)*

## **Família: Nuclear e Extensa**

O conceito de família despertou sempre o interesse das diversas ciências sociais, nomeadamente a história, psicologia, sociologia e a antropologia. Família define-se por um conjunto de pessoas de forma hierarquizada, no qual vivem e convivem com uma ligação afetiva prolongada, incluído cuidado entre adultos e especial atenção com crianças e idosos. Também se pode afirmar que uma família pode estar associada de forma afetiva sem ligação biológica e hereditária, no qual tem um compromisso de cuidado mútuo (Carnut e Faquim, 2014).

Na perspetiva sociológica, área central do nosso estudo, a família é um grupo estruturado, que garante as necessidades básicas, pessoais e sociais dos indivíduos. Desta forma, a família é uma base essencial para a integração e socialização dos indivíduos na sociedade, passando a ser a primeira socialização do indivíduo (Carnut e Faquim, 2014).

No texto “Conceito de Família: adolescentes de zonas rural e urbana”, Vanessa Facó e Lígia Melchiori realçam esta ideia de que a família é um forte impulsionador de socialização primária: *“A família representa o espaço de socialização, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência, local para o exercício da cidadania, possibilidade para o desenvolvimento individual e grupal de seus membros, independentemente dos arranjos apresentados ou das novas estruturas que vêm se formando”* (Facó e Melchiori, 2009, pp. 121).

Portanto, o conceito de família é essencial para a compreensão da comunidade cigana, pois trata-se de um ponto fundamental para a ligação e continuação do grupo. A família é o elemento que passa todas as tradições e costumes para o indivíduo, consoante o local e o grupo onde estão inseridos. No entanto, a família impulsiona a subsistência e a renovação de um grupo (Faco e Melchiori, 2009).

Na verdade, existem múltiplas formas de família, para além da tradicional/nuclear (pais e filhos). Petzold, destaca quatro sistemas: “*macrossistema, exossistema, mesossistema e microssistema, compostos de catorze variáveis como: casais casados ou não; partilha ou separação de bens; morar juntos ou separados; dependência ou independência financeira; com ou sem crianças; filhos biológicos ou adotivos; genitores morando juntos ou separados; relação heterossexual ou homossexual; cultura igual ou diferente; entre outras variáveis que, combinadas, oferecem 196 tipos diferentes de família. Isto significa que o modelo nuclear de família composto por pai, mãe e seus filhos biológicos não é suficiente para a compreensão da nova realidade familiar que incorpora, também, outras pessoas ligadas pela afinidade e pela rede de relações*” (Petzold, 1996 Cit in Faco e Melchiori, 2009, pp. 123).

Ao longo da história, o conceito de família sofreu inúmeras mudanças, impulsionadas por diversos fatores. Um dos fatores foi a modernidade: no projeto de vida, ocorreu uma maior individualização dos interesses, em detrimento do coletivo e familiar (Leandro, 2006).

Outros fatores que influenciaram significativamente as composições atuais do conceito de família foram os seguintes: a escolarização no seu geral; a emancipação das mulheres na sociedade: a nível académico e no mercado de trabalho; os métodos anticoncetivos que deu poder as mulheres para planear melhor e organizar a vida familiar e os tipos de família (Leandro, 2006).

Segundo o conceito clássico, a família nuclear é constituída por dois adultos e filhos biológicos, ou seja, “(...) composta de um homem e uma mulher que coabitam e mantêm um relacionamento sexual socialmente aprovado, tendo pelo menos um filho” (Carnut e Faquim, 2014, pp. 64). Portanto, a família nuclear engloba os elementos diretos da família, coabitando na mesma casa.

O autor Popenoe tem outro entendimento. Segundo ele, família nuclear tradicional tem um caráter machista, baseada numa perspectiva antiquada da mulher cuidadora da casa e do homem, chefe de família, garante da subsistência da família (Carnut e Faquim, 2014).

Segundo Leonardo Carnut e Juliana Faquim, no texto “Conceitos de família e a tipologia familiar: aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família”, refere que as famílias extensas há diversos elementos

familiares dentro da casa, vivendo sob o mesmo teto, envolvendo duas ou mesmo três gerações. Com a crise económica e o êxodo rural, este modelo tornou-se mais recorrente (Carnut e Faquim, 2014).

Especificamente no caso dos ciganos, o conceito de família extensa tem ainda outra conotação, ou seja, as famílias que não partilham a mesma casa, mas *“actuam conjuntamente em muitos aspectos da vida quotidiana, em especial a nível económico, e que vivem numa mesma localidade”* (Rodrigues e Santos, 2006, pp. 18).

Por vezes, este tipo de família ocorre muitas vezes devido a contextos de pobreza e da garantia de necessidades básicas, que a família nuclear sozinha não consegue suprir. No caso dos ciganos é algo bastante comum, pois vivem de rendimentos muito baixos e não tem condições de viverem isolados.

*“A “família ampla”, por sua vez, é uma forma bem adaptada a situações de estresse e carência, na qual as funções são compartilhadas envolvendo membros da família extensa. Essa forma de funcionar é entendida por Minuchin como uma resposta às situações de pobreza, podendo ou não caracterizar estruturas familiares patogênicas com fronteiras não definidas”* (Ponciano e Féres-Carneiro, 2003, pp. 67).

## **Identidade**

O conceito de identidade é crucial para entendermos como os indivíduos fazem para se integrar num grupo e sentir que pertence ao mesmo. O sentimento de pertença é deveras importante no nível individual e de grupo, pois é algo que socialmente integra e unifica os indivíduos e os grupos, através de traços culturais, normas, tradições, etc.

Como explica Olga Magano, aspetos como o contexto e as interações são importantes para que os indivíduos nutram o sentimento de pertença, integração e diferenciação que se concretizam *“através de práticas de confirmação e de práticas de classes e estatutos sociais”* (Magano, 2012, pp. 254).

Na revisão bibliográfica sobre os conceitos, um dos fatores que proporcionou ou acentuou a multiplicação das identidades foi a globalização. Ao existir uma maior e mais facilitada “troca” a nível mundial - de ideias, produtos, normas e até mesmo uma maior facilidade de contato com outras culturas -, levou a uma maior aproximação e estabeleceu uma ligação mais estreita entre culturas e grupos étnicos, originando novas, diversificadas e múltiplas identidades (Rodrigues, 2021).

A autora Amin Maalouf, em 1998, define identidade da seguinte forma: *“propõe ainda que se entenda a identidade de cada um como aquilo que nos diferencia dos outros. É algo que se vai construindo, passo a passo, e que se vai transformando ao longo da existência do indivíduo”* (Maalouf, 1998, pp. 195 Cit in Rodrigues, 2021). No mesmo artigo, o autor refere que Bauman (2005) define identidade como

autodeterminação, ou seja, o autor acredita que se trata de batalhas por parte da minoria no sentido de quando são reprimidos os direitos por parte da dominante (Haonat e Costa, 2020).

O artigo de Magano (2012), *“Mulheres ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários”*, afirma que o conceito tanto pode demonstrar a integração que estes grupos podem fazer na vida dos sujeitos, como pode indicar um processo de exclusão dos mesmos, acrescentando o significado de identidade social. Como podemos verificar na seguinte citação:

*“Serve para identificar o grupo, mas também para o distinguir dos outros. Sob este ponto de vista, a construção da noção de identidade nacional consiste, antes de mais, no poder da exclusão, ao impor fronteiras entre o “nós” e o “eles”, marcando-se negativamente indivíduos muitas vezes, percebidos como dispensáveis para o funcionamento do ciclo económico e de acomodação difícil numa estrutura social da economia capitalista.”* (Magano, 2012, pp. 254)

Numa perspetiva neo-marxista, o conceito de identidade está relacionado com o poder, tanto económico, político ou simbólico, que demonstra as fragilidades dos grupos minoritários em relação ao grupo maioritário; ou seja, refere-se às desigualdades existentes na sociedade. O grupo maioritário molda as ideias, as normas e até as tradições que existem na sociedade, levando a uma exclusão dos indivíduos que não identificam com estas ideias (Rodrigues, 2021).

Olga Magano (2012), referindo-se ao trabalho de Kaufman (2003), afirma que: *“O conceito de identidade remete, em simultâneo, para o que cada indivíduo tem de mais específico, as elaborações psíquicas individuais que incorpora pela aprendizagem social de valores e normas sociais, e também para as identidades coletivas, para os quadros gerais da sociedade em que se movimenta e que se incorporam nos indivíduos”* (Magano, 2012, pp. 253).

## **Minoria étnica**

No conceito de minoria étnica está implícito que um determinado grupo sofre discriminação por parte de um grupo dominante. A minoria por norma tem uma diminuição de direitos devidos à exclusão que tem sofrido na sociedade. Devido à exclusão, as minorias desenvolvem um sentimento de solidariedade étnica.

Maria José Casa-Nova, em *Etnicidade, Género e Escolaridade - Estudo em torno das socializações familiares de género numa comunidade cigana do Porto* (2002), realça a relação de poder exercido pela sociedade maioritária em relação aos grupos

minoritários, fazendo com que estes estejam isolados e excluídos em muitos aspetos da vida social, habitando nas periferias das cidades, colocando-os numa posição social fragilizada.

*“Uma minoria étnica define-se muito por relação ao poder, ou seja, pelo acesso que (não) têm a diferentes formas de poder, pautando-se a sua acção quotidiana (no caso desta comunidade) pela ausência de participação social e política na sociedade mais ampla. No entanto, a comunidade em estudo detém e preserva uma forma específica de poder, que cultiva face à sociedade em que se insere: o medo que suscita nos outros, por vezes construído na base de estereótipos que este grupo étnico procura preservar, também como forma de sobrevivência, mas que simultaneamente funciona como uma forma de segregação social.” ( Casa-Nova, 2002,pp. 55).*

Como forma de fundamentar esta ideia, a autora apoia-se em Giddens:

*“(...) o conceito de minorias étnicas sociologicamente definido, apresenta determinadas características que, na nossa perspectiva, permitem enquadrar a comunidade cigana estudada neste conceito. Os membros de minorias étnicas desfavorecidas estão normalmente em desvantagem face à discriminação de que são alvo; possuem um certo sentido de solidariedade de grupo, tendendo a olhar-se como "pessoas à parte" da maioria. Regra geral habitam um espaço físico e social relativamente isolado da comunidade mais alargada, tendendo a concentrar-se em subúrbios e/ou periferias. São normalmente maioritariamente endogâmicos, como forma de preservação da sua identidade cultural.” (Giddens, 2013, pp. 55 Cit in Casa-Nova, 2002)*

Com isto, as minorias étnicas acabam por ter de lutar para conseguir ter os seus direitos e serem respeitados pelas culturas dominantes. De facto, é um processo que é bastante complicado e demorado, pois, trata-se de uma “guerra” de culturas, ideias, normas, valores e tradições dentro do mesmo país, cidade ou grupo para se conseguir viver de forma equilibrada e sem preconceitos ou estereótipos.

## **Raça**

O conceito de Raça foi inicialmente usado no campo científico para demonstrar diferenças culturais existentes no mundo. Contudo, o termo ganhou uma conotação negativa na esfera social, no qual “transbordou” para a realidade científica. Desta forma, é essencial fazer uma breve contextualização e elucidação do conceito, para entender como aconteceu este processo de desvalorização do conceito na academia, nomeadamente na Antropologia e na Sociologia.

Conforme está mencionado na Encyclopedia Universalis, de 1992, a palavra raça deriva da palavra latina ratio que significa “ordem cronológica” entre outras coisas. Contudo, o termo passa a ser entendido como “conjunto de traços biológicos e psicológicos que interligam ascendentes e descendentes numa mesma linhagem. Inicialmente, o termo estava ligado ao mundo animal, mas, a partir do século XVI, a sua aplicação estendeu-se ao ser humano (ENCYCLOPEDIA UNIVERSALIS, 1992, p. 438 Cit in Mendes, 2012).

Portanto, o conceito de raça transmite uma ideia inicial de que os indivíduos têm traços biológicos e psicológicos diferenciados; ou seja, fazemos todos parte de uma mesma espécie, mas com identidades ou diferentes características, físicas e psicológicas.

O termo raça começa a ser aplicado de forma mais regular a partir do século XVIII, para demonstrar as diferenças entre os indivíduos em várias dimensões, em áreas como a sociologia, antropologia, psicologia, entre outras. Contudo, há uma enorme variedade de teorias para o conceito de raça, ou seja, para justificar e entender como se desenvolveu o ser humano e as suas diferenças. Então vejamos: Montesquieu, no manual espírito das leis, concebe uma das primeiras teorias para explicar o conceito de raça. Segundo ele, defendendo um “determinismo climático”, o clima é a base para as diferenciações físicas dos grupos humanos (Mendes, 2012).

Desta forma, esta teoria defende a ideia de que a geografia e o clima são fatores importantes para o processo civilizacional, o que levou a existência de dois níveis de desenvolvimento cultural - os civilizados e os selvagens, pensamento base do colonialismo, no qual o europeu é civilizado, logo superior ao selvagem, o primitivo (Mendes, 2012).

Esta teoria tem por base o poligenismo: a ideia de que há várias linhagens de seres humanos, ou seja, cada tipo de indivíduo (branco, negro, entre outros) tem uma descendência particular e não compartilhada. Criando assim a falsa ideia que existe um “povo eleito”, com um poder e desenvolvimento superior. O monogenismo é o oposto do poligenismo: tem por base a ideia de que todos os grupos humanos têm os seus descendentes, todos são membros da mesma espécie.

No contexto desta discussão, Buffon criou a teoria do *environmentalism*. Segundo este autor, os fatores para distinção dos indivíduos são, predominantemente, o clima e a alimentação. Esta teoria também defende uma superioridade da raça branca em relação as outras, usando a “raça branca” como referência para encontrar dos diversos “tipos de humanos” no qual são modificados a partir do clima. Com uma



intuição de superioridade e civilização mais evoluída (europeia) em relação aos povos selvagens (não europeus) (Mendes, 2012).

Blumenbach criou uma tipologia dos seres humanos, colocando-as em 5 categorias, situando a raça caucasiana no topo da pirâmide, com as outras gradualmente abaixo. Designando-as como: “(...) *a caucasiana, a mongol, a etíope, a americana e a malaia. A espécie humana, una e indivisível, podia assumir essas variedades*” (Augstein, 1996, pp. 103 Cit in Mendes, 2012).

No século XIX, foi desenvolvida a teoria dos processos de civilização por James Prichard, que considerava que todos os seres humanos na sua origem eram negros “selvagens” e que o fator diferenciador foi o processo civilizacional do branco (Mendes, 2012).

A teoria racial-biológica, fundada por volta do século XIX, irá ressurgir na ideologia do nacional-socialismo alemão, segundo o qual há três ideias principais: primeira ideia menciona que há um certo número de “raças”; a segunda declara que as capacidades a nível intelectual e moral encontram-se distribuídas pelas várias “raças” humanas e a terceira ideia explora que no campo mental está associado as características raciais e naturais, logo, a “*natureza intrínseca do indivíduo e de uma determinada população, não deixando de oferecer uma resposta biológica excessivamente especulativa*” (Mendes, 2012, pp. 106).

Como podemos observar, estas teorias tem uma base fortemente discriminatória, em que existe um grupo branco superior, logo com mais direitos do que os outros. É pertinente frisar que os principais autores desta teoria são europeus, Robert Knox, na Grã-Bretanha e Joseph Arthur Comte de Gobineau, na França, por volta do século XIX até ao século XX. Esta teoria sustentava o colonialismo europeu, justificando a dominação dos “primitivos” pelos brancos civilizados, no qual teve o seu “pico” na “ideologia racial do nacional-socialismo alemão”, a mesma teve influência indireta na teoria racial do genocídio nazi (Mendes, 2012).

Como podemos verificar, o conceito de raça foi usado por diversas disciplinas sociais, mas principalmente pela Antropologia. Com um profundo interesse sobre a diversidade física e cultural dos seres humanos, levou a uma hierarquização das populações humanas, numa lógica de “pensamento de exclusão”. Desta forma, as investigações antropológicas, indiretamente, ajudaram a alimentar o pensamento do nacional-socialismo alemão, que defendia a ideia da superioridade da raça branca sobre as outras (Mendes, 2012).

Por causa da sua utilização ideológica, depois da 2ª Guerra Mundial, o termo “raça” começou a ser evitado nas diversas áreas científicas. Quando é utilizado é apenas

com um carácter meramente de ordem fenotípica, de traços físicos diferenciados, e nunca subjugada a ideia de supremacia do “grupo branco civilizado”.

Portanto, nas ciências sociais, houve claramente uma substituição do conceito de raça pelo de etnia ou etnicidade, de forma a demonstrar que o mais relevante é a diversidade cultural e não apenas traços físicos, herdados ou adquirido, mas passado a dar mais importância aos atributos culturais como religião, língua entre outros (Mendes, 2012).

Em concordância, Oommen (1994), refere que:

*“(...) fala na tendência em substituir o uso do termo “raça” pelo de “eticidade”, sendo que o racismo se baseia essencialmente em racionalizações culturais e não tanto biológicas. Contudo, a raça tem vindo a ser progressivamente concebida como mais uma componente da etnicidade, o que leva a camuflar alguns dos estereótipos raciais profundamente enraizados nas mentes.” (Oommen, 1994 Cit in Mendes, 2012, pp. 111)*

## Capítulo 5: Investigação e Resultados

O presente estudo sociológico foi apoiado na entrevista semiestruturada, alcançando os resultados almejados. Recorri a um guião de entrevista (Anexo I) para orientar a investigação.

Como podemos observar no guião de entrevista (Anexo I), foram introduzidas perguntas que englobassem diversos temas, como religião, rotina diária, a escolaridade, perspetivas de futuro, os papéis de género e também sobre os métodos contraceptivos, aspeto importante na comunidade cigana.

Ao longo da pesquisa, para conseguir ter um acesso mais fácil e rápido as mulheres ciganas, foi essencial aliar-me a um projeto; no caso, o projeto é *Quer Ser Mais ESG*. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos, que tem o objetivo de promover a inclusão social das crianças e jovens de Tortosendo. Este projeto tem uma forte presença da comunidade cigana e também labora dinâmicas para a inclusão da mesma. Posto isto, as mulheres que irei entrevistar estão ligadas, de certa forma, ao projeto, sendo mães, avós, bisavós.

No decorrer da investigação depreendi que um número reduzido de entrevistas era o caminho preferível para alcançar os resultados pretendidos. Assim, entrevistei 5 elementos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 76 anos, de diversos estados civil, para se ter uma melhor visão da comunidade feminina.

A partir dos dados obtidos das entrevistadas, em relação à escolaridade, verificamos que existe uma grave lacuna por parte das mulheres. No caso da mulher mais velha, com 76 anos, não tem qualquer escolaridade (não sabe ler nem escrever), representativa da sua geração que nunca foi a escola. A mesma refere que:

*“Naquela altura, o meu pai tinha um feitio muito esquisito e não deixava as filhas irem à escola. Só foi uma mais nova e dois irmãos é que foram à escola. Ele dizia para nós: ó filha, as mulheres não vão à escola.” (Mulher A de 76 anos).*

Demonstrando a grande desigualdade existente por parte das mulheres ciganas face aos homens, no campo da escolaridade das gerações mais velhas. Esta entrevistada tem 5 filhas, 3 delas tem a 4<sup>o</sup> classe, a mais velha nunca foi a escola e a outra tinha alguma formação, mas informal, sem escolaridade oficial. Dentro desta família conseguimos verificar que, consoante as gerações, pode significar um maior ou menor desenvolvimento para as mulheres.

As três mulheres, de idades compreendidas 25 aos 40 anos, seguem um registo de pouca escolaridade, mas todas frequentaram a escola; contudo, apenas completaram o 4º e 5º anos. As gerações mais novas, com 12 e 17 anos, indicam uma evolução significativa, ambas completaram o 6º e o 8º ano, portanto, com mais escolaridade que todas as outras entrevistadas, mostrando que o papel da escola está cada vez mais presente nas vidas das mulheres ciganas.

Quando foram questionadas sobre a importância da escola e da formação profissional, todas descreveram a escola de forma positiva e demonstraram um pesar de não ter continuado a estudar:

*“Gosto, porque por exemplo já que não tive essa oportunidade e esse futuro que eu gostava, adorava saber ler e escrever, só para ler a bíblia o resto não me importava. Gosto que as crianças vão há escola e gostava(...) Se pudesse ia estudar de vontade.” (Mulher A, 76 anos)*

*“Eu acho a escola ótimo, acho que é muito importante. Se eu não fizesse... porque agora já podem as ciganas já podem estar na escola, há umas que já são advogadas e assim. E eu consegui estar na escola, se eu fosse para a escola se calhar nesta altura podia ser uma profissional (...) A escola é muito boa, eu tenho o meu irmão que agora é chefe de cozinha e tenho outro que vai ser tradutor. Eu também gostava, eu acho que a escola é ótima.” (Mulher D, 25 anos)*

*“Eu acho que a escola é boa para aprender e até ir ao 12º ano. É bom para aprender a ler, a escrever, aprendendo mais coisas novas e é melhor.” (Mulher F, 12 anos)*

Como vimos, há respostas distintas em alguns aspetos. Uma das respostas mais interessantes foi a de uma jovem, de 17 anos, que respondeu que a família é a grande impulsionadora para a desistência das meninas da escola e que no caso dela teve que “lutar” para conseguir manter se na escola.

*“Na minha opinião é que a minha família também não me deixava estudar. A minha família também era contra eu estudar, mas por mim eu gostava de estudar até cheguei ao 8º ano a passar para o 9º ano, mas depois casei e deixei os estudos por um tempo, mas ainda quero tirar o 9º e o 10º ano. E acho que isso não é errado continuar.” (Mulher B, 17 anos)*

Outro elemento que saltou a vista, e que comprova uma forte desigualdade entre homens e mulheres dentro da comunidade cigana, é quando uma das entrevistadas

lamenta que não conseguiu se profissionalizar. No entanto, refere que os seus irmãos rapazes se profissionalizaram, demonstrando que há um incentivo para os elementos masculinos, contudo não acontece o mesmo no caso das raparigas.

*“Se eu fosse fazer minha vontade e se tivesse dito ao meu pai que queria fazer aquilo. Agora podia ser uma profissional(...) A escola é muito boa, eu tenho o meu irmão que agora é chefe de cozinha e tenho outro que vai ser tradutor.”*  
(Mulher D, 25 anos)

Quando questionadas sobre os motivos que levam as raparigas a abandonarem mais cedo a escola, todas as entrevistadas referem que o motivo é por já serem “mulherzinhas” e, por isso, os pais têm receio delas estarem num recinto escolar e da possibilidade de conviverem e partilharem um espaço com indivíduos não-ciganos.

*“As meninas podem andar até aos 10/ 12 anos porque eles nem respeitam as idades das crianças. A partir de uma certa idade 14/15 anos já é uma responsabilidade muito grande para o que possam acontecer com elas. E a gente não gosta.”* (Mulher A, 76 anos)

*“Porque elas são meninas e a partir de uma idade, dos 14 ou 15 anos os pais já não deixam porque já estão prontas para casar. Os ciganos já falam de elas andarem na escola e têm medo de que pronto que aconteça alguma coisa. (...) Eles estão em casa e têm as meninas na escola para os ciganos isso, isto é, muito conta muito já não conseguem ter lá uma filha com 15 / 16 anos.”* (Mulher C, 40 anos)

As perspetivas de futuro para as mulheres ciganas, tanto a nível pessoal, profissional e da comunidade, passam por um desenvolvimento, no sentido em que as mesmas consigam estudar, ter um trabalho para se sentirem realizadas e melhorar a sua vida significativamente. A mais jovem das entrevistadas afirma que pretende continuar a estudar até ao 12º ano e ter uma profissão. Esse aspeto demonstra que as mulheres ciganas já estão mais conscientes e motivadas para melhorar as suas condições de vida. Quando falam sobre o futuro da cultura cigana, acreditam que podem mudar e encaminhar para um caminho melhor, mencionando as diferenças que já encontram no seu dia-a-dia, como, por exemplo o vestuário menos recatado, um maior acesso às redes sociais, bem como a maior permanência das raparigas na escola.

*“Agora vejo mais aberto, agora já é uma relação que tem não é como antigamente. Por exemplo antigamente era obrigatório casar uns com os outros agora já não são. Antigamente vestia-se aquelas saias compridas agora já não vestimos, vestem calças e antigamente não iam para uma piscina agora já vão,*

*em fato de banho e uns calções. Agora já vão. Agora se você for ao Facebook já vê muita gente nas piscinas e assim. Já se vê muitas ciganas nas piscinas, antigamente onde se via isso? Antigamente onde é que se vê uma cigana? Onde é que se via uma cigana a casar com um rapaz que não era cigano ou um cigano a casar com uma rapariga que não era cigana? Eu tenho um cunhado que está junto com uma rapariga que não é cigana e está aqui uma que também. Oh! Primeiro a comunidade não aceitava, agora já aceitam assim mais ou menos, já começam a aceitar.” (Mulher C, 40 anos)*

*“Por enquanto eu prefiro estar solteira, não tenho muita coisa para casar nem nada mais lá para a frente não agora. Eu só quero casar com 20 ou 22 anos sei lá... assim aproveito mais. A nível profissional gostava de ser maquilhadora”. (Mulher F, 12 anos).*

Durante as entrevistas, formulei uma pergunta onde as mesmas descreviam como era o seu dia- a- dia e como o mesmo era preenchido. Verifiquei que todas as mulheres tinham uma rotina diária muito semelhante -, todas tinham um papel fundamental para a organização e manutenção da sua casa, como tratar do marido, dos filhos e netos. No caso das duas jovens não era exceção, ambas cuidam da casa desde muito novas, fundamentando a ideia de que vida doméstica é o papel principal para a mulher cigana.

As três mulheres adultas referem que o momento em que as suas vidas sofrem alguma alteração é quando as mesmas têm algum curso ou trabalho para fazer, senão passam a maior parte do tempo em casa. Quando questionada sobre a partilha de tarefas domésticas, a maioria diz que as tarefas não são divididas, mas, caso estejam doentes, o parceiro está disponível para ajudar, demonstrando, nestes casos, uma franca cooperação nas divisões de tarefas domésticas.

*“Agora não tenho muitos passatempos. Eu acordo, tomo o pequeno-almoço e faço para o meu marido, ele vai para curso que ele está a tirar para fazer os anos que não tirou. Ele vai para o curso depois a minha sogra vai fazendo o almoço, eu arrumo as coisas depois o meu marido vem come porque agora a gente não anda a trabalhar, mas antes nos primeiros meses que eu casei, eu andava com ele a vender de porta em porta e em mercados. Agora parei, pois ele anda em formações todos os dias. É uma rotina que ... depois há o culto evangélico à noite por volta das 19:30/20:00 vamos para culto e acaba as 23:00 é quase todos os dias também.” (Mulher B, 17 anos)*

*“Eu levanto-me às vezes vou por a minha garota no infantário, quando tenho formação vou para a formação quando não tenho fico em casa, arrumo a*

*roupa, faco a comida. De noite vou para o meu culto que é a coisa mais importante que eu tenho é servir a Deus porque desde que conheci Deus foi a melhor coisa que me aconteceu na minha vida e vou para o culto, eu sou do coro canto um bocadinho. Oiço a palavra e venho para casa. A rotina é quase sempre a mesmo, sem ser o curso é sempre assim deito me e assim a minha rotina.”*  
(Mulher E, 26 anos)

*“Não é partilhado, mas sei que se precisar de ajuda o meu marido está lá e ajuda me, mas não é partilhado. Eu também gosto, gosto de ter tudo a minha maneira, não gosto que ele vai lá. (...)”* (Mulher E, 26 anos)

No tema da cultura cigana, as entrevistadas demonstram um afeto muito positivo da sua cultura, mostrando que há normas, rituais e tradições que são essenciais para elas, como o casamento e o respeito pelo seu marido, o luto que tem de fazer pelos seus familiares como forma de homenagem, as suas vestes e a ligações que tem com os familiares e com a comunidade. Também consideram que há muitas destas tradições e rituais que se estão a perder; contudo, muitos acontecimentos demonstram uma mudança da cultura. Quanto ao papel da mulher na comunidade cigana, declaram que as mulheres têm de ser respeitadas, mas fundamentalmente, que tem de ter um papel doméstico e educativo dos seus filhos para ser consideradas “boas” mulheres ciganas. Todas as entrevistadas afirmaram que gostam de ser ciganas, mas gostavam de ter mais oportunidades, sem julgamentos e discriminações.

*“A pessoa cigana é, como é que eu hei-de explicar isto, há coisas que são obrigatórias manter ainda, está a compreender o que estou a dizer? Casar com um que não seja cigano, há muita coisa que se mantém, não todas nem todas. Agora na etnia cigana há muitas senhoras que estão com os maridos e deixam os maridos e vão com outros. Antigamente era mais fechado agora já não. Se o meu filho se divorciasse eu dizia para apanhar a minha nora pois tem as minhas netas, não gostava, pois, ele tem a sua mulher para quê que vai ver de outra. Por exemplo tenho lá dois filhos, se trouxesse uma rapariga que não fosse cigana para a minha casa eu não me importava disso, desde que se desse com nós. Não me importava é uma rapariga como as outras.”* (Mulher C, 40 anos)

*“É respeitar o marido, amar os filhos, amar o marido. É lindo, eu gosto de ser cigana, gosto não vou mentir, mas ainda há muito racismo sobre isso. E por saber que aquela é cigana, se for preciso vamos todas a uma entrevista e por ser cigana já não dão valor e importância e nós ficamos tristes por isso, mas temos orgulho de sermos ciganas. Ser cigana é seguirmos os nossos costumes,*

*eu e várias mulheres gostamos de fazer boas comidas assim com muito tempero, gostamos de estar sempre bonitas não é sempre todos os dias, mas gostamos de nos ajeitar de nos amanhar para os nossos maridos e também para estarmos bonitas e sentimo-nos nós próprias bonitas. Ser cigana é ser cigana é ser especial.” (Mulher E, 26 anos)*

Um ponto que achei essencial referir é que esta comunidade cigana tem um fator importante para entender o grupo: a religião. A religião tem um papel fundamental para a integração e “controle” da comunidade, ou seja, neste caso, a igreja evangélica foi uma impulsionadora para conseguir resolver muitos problemas, tais como: consumo de drogas, alcoolismo e mesmo comportamentos mais violentos. Todas as entrevistadas referem que a fé e a religião têm um papel muito importante nas suas vidas, no sentido em que se sentem melhor quando saem do culto. As mesmas praticam de forma diária a sua religião e muitas vezes é o único momento do seu dia que tem contacto com outras pessoas, pois é um evento essencial para todas.

*“(…) Ajudou muito a comunidade cigana, para alguns não para todos compreende. Há muitos que eram bêbados e eram vadios e essas coisas assim. E nunca aceitaram, iam ouvir o culto, mas a vida continuava. Então adorei muito, a gente tinha um primo que já faleceu que era pastor, o pastor Quim. Quando começou no evangelho era muito bêbado... Ai Jesus! Bebia todos os dias até que um dia vieram pastores que não eram ciganos que vieram da França e Espanha a darem a palavra e aí começou o evangelho, tiveram muito tempo a pregar a palavra de Deus. E nós graças a Deus ...até hoje. A vida melhorou para muita pessoa.” (Mulher A, 76 anos)*

*“Porque a gente crê só num Deus e acreditamos que ele nos ajuda e que nunca nos deixa faltar nada confiamos nele. Sinto me bem no culto. Porque Deus para nós significa uma coisa muito grande, na nossa vida, e quem não segue a Deus, Deus não ajuda quem não anda na igreja. Deus sempre mantém nos firmes. A gente confia Nele para nos ajudar o pão de cada dia e tudo, quando temos necessidades pedimos a Deus e que Ele nos ajude é um ponto seguro que a gente deposita toda a confiança a Deus. Confiamos mais em Deus do que em alguém colocamos Deus acima de tudo.” (Mulher B, 17 anos).*



## Capítulo 5: Conclusão

Na realização desta investigação tínhamos como foco principal compreender os papéis de gênero e o cotidiano das mulheres ciganas, com o intuito de espelhar como a comunidade lida com os processos evolutivos da sociedade e como isso pode ser um aspecto negativo ou uma mais-valia para a sua integração.

Ao passo que íamos desenvolvendo a investigação percebemos que o método qualitativo era a forma mais acertada para conseguir obter resultado dentro do tempo disponível; ou seja, a partir de uma entrevista semiestrutura com o foco em que as entrevistadas pudessem exprimir as suas ideias e percepções sobre os diversos temas que desenvolvemos como os papéis de gênero, a escolaridade, a religião, entre outros assuntos que achamos pertinentes para conseguirmos obter os melhores resultados. Desta forma, os resultados obtidos, tendo em conta os parâmetros que desenvolvemos na parte teórica, seguiram a mesma linha de pensamento que ajudaram a justificar os diversos desenvolvimentos.

A partir desta investigação conseguimos concluir que as mulheres ciganas, neste contexto, ainda têm muitas raízes e pensamentos tradicionais, mesmo que todas refram que existe um desenvolvimento adaptativo significativo. Entre outras palavras, todas as mulheres que entrevistamos encontram-se dentro de um casamento tradicional e com uma fraca escolaridade, tendo em conta que somente as mais novas frequentam a escola. Uma entrevistada afirmou: *“Por enquanto eu prefiro estar solteira, não tenho muita coisa para casar nem nada, mais lá para a frente não agora. Eu só quero casar com 20 ou 22 anos sei lá... assim aproveito mais.”*, mostrando que não é o foco principal seguir as normas que são “impostas” pela comunidade. Uma outra adolescente mencionou que casou aos 17 anos e que o pensamento principal é seguir as tradições ciganas, mas pretendia seguir os estudos; contudo, deixou de frequentar a escola após o casamento.

Com isto conseguimos verificar que por mais que exista um olhar diferente sobre determinados assuntos, ainda há forte influência da comunidade em relação as vontades pessoais. Conseguimos concluir que todas as entrevistadas adultas estão desempregadas e dependentes do RSI, mesmo demonstrado uma vontade afinsa de encontrar trabalho e poder ajudar a família. Contudo, mencionam que há um forte preconceito em contratar mulheres ciganas. Três das entrevistadas são mães, demonstrando um desejo de os filhos/netos poderem continuar a frequentar a escola e terem uma profissão. Ao longo das diversas entrevistas conseguimos apurar que ser mulher e ser cigana é um entrave muito grande para a obtenção de um emprego.

Verificamos que as mulheres ciganas, neste contexto, começam a questionar e a libertarem-se de múltiplas tradições que antigamente eram condenáveis e hoje apenas passam a ser banalidades, como a permanência na escola de forma mais prolongada, as roupas mais ao gosto pessoal, o acesso a redes sociais, entre outras coisas que eram impensáveis na comunidade cigana.

Todas as entrevistadas expõem que a escolaridade feminina está muito desenvolvida e mais prolongada. Quando questionadas pelos motivos do abandono precoce das meninas das escolas, houve diversas justificações: a principal é devida a primeira menstruação e uma preocupação de não terem contato com os rapazes não-ciganos; outra justificação passa por já terem as competências essenciais para a sua vida e necessitam de aprender outras para conseguirem ser boas mulheres e mães. Aqui encontramos um forte pensamento tradicional e machista, no qual torna as mulheres mais vulneráveis e isoladas.

Com as entrevistas conseguimos verificar que a religião tem um impacto muito forte nesta comunidade, ou seja, a religião “ocupa” um espaço importante no seu dia-a-dia. A religião serve como “motor” para conseguir controlar comportamentos e normas, levando a que exista um melhor comportamento e abolição de diversos vícios na comunidade cigana. Todas as mulheres entrevistadas valorizam a religião e também demonstram que há normas e regras a cumprir por parte da religião, onde estão inseridas, que por vezes podem ser mais um “método” de isolamento para com a comunidade dominante.

Ao longo das entrevistas conseguimos verificar que todas as mulheres ciganas têm uma rotina diária essencialmente doméstica e tradicional; todas mencionam as tarefas domésticas, servir o seu marido e filhos, e dedicação ao culto (a religião). Quando questionadas sobre a divisão de tarefas domésticas, disseram que não existia uma divisão das mesmas, mas quando era “preciso” ou estando doentes os respetivos maridos auxiliavam nas tarefas domésticas e dos cuidados dos filhos. Também explicaram que há uma divisão da seguinte forma: a mulheres fazem os trabalhos domésticos e cuidam dos filhos e o homem traz o sustento para casa, indicando que há uma forte dinâmica tradicional e machista onde o homem não pode ter esse tipo de trabalho, mas sim o trabalho mais “pesado” e de sustento da família.

Uma das perguntas que selecionamos para este estudo foi: tem algum sonho que gostaria de realizar? Na sua maioria as mulheres ciganas referiram que gostavam de ter um trabalho e de serem mães. No caso da rapariga mais jovem, respondeu que gostava

de ter uma profissão, o que é bastante interessante demonstrando que o foco do seu futuro passa a ser ela, desvalorizando as tradições da comunidade cigana.

Para concluir, esta investigação conseguiu, de forma objetiva, compreender alguns aspetos de mudanças na cultura e modo de vida da comunidade cigana, mas também alguns aspetos, nomeadamente ligados às relações de género, que permanecem e se reproduzem.

Devido ao número reduzido de entrevistas e o pouco tempo para a realização da investigação, muitas questões ficaram em aberto. Por isso, é pertinente realizar no futuro um trabalho mais aprofundado e com uma dimensão maior para se obter dados mais concretos e significativos, com o objetivo de perceber melhor como a comunidade/mulheres ciganas são capazes de lidar com o processo de adaptação das normas, das tradições ciganas à sociedade portuguesa em geral. Mais do que isso, como as mulheres atuam como agentes das marcantes mudanças culturais e sociais que ocorrem na comunidade cigana em Portugal.

## Referências e Bibliografia

- Arcas, Marco Edovilson, Paes, Ademilson Batista (2020), A “INVISIBILIDADE/CAMUFLAGEM CIGANA: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DOS CIGANOS NO OLHAR DO GADJE (NÃO-CIGANO)” em *Revista Trilha da História*, vol.10, nº19 (Agos. -Dez.), pp. 128-142.
- Augusto, Cleicle Albuquerque; Sousa, José Paulo De; Dellagnelo, Eloise e Cario, Silvio (2013), Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011) em *Revista de Economia e Sociologia Rural*, vol.51, nº4, consultado a 14/03/2020 em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032013000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000400007)
- Bastos, José Gabriel Pereira (2007), “Sintrensas Ciganos, Uma abordagem estrutural-dinâmica”, Centro de estudos de migrações e minorias étnicas da faculdade de ciências sociais e humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, pp. 0-82
- Bastos, Susana Pereira e Bastos, José Gabriel Pereira (2006), “Filhos Diferentes de Deuses Diferentes”, Lisboa, ACIME.
- Batista, Eraldo Carlos. Matos, Luís Alberto Lourenço. Nascimento, Alessandra Bertasi (2017), A Entrevista Como Técnica De Investigação Na Pesquisa Qualitativa em *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, vol.11, nº3, consultado a 20/03/2020 em [https://www.researchgate.net/profile/Eraldo\\_Batista/publication/331008193\\_A\\_ENTREVISTA\\_COMO\\_TECNICA\\_DE\\_INVESTIGACAO\\_NA\\_PESQUISA\\_QUALITATIVA/links/5c60dfb0299bf1d14cbb4aef/A-ENTREVISTA-COMO-TECNICA-DE-INVESTIGACAO-NA-PESQUISA-QUALITATIVA.p](https://www.researchgate.net/profile/Eraldo_Batista/publication/331008193_A_ENTREVISTA_COMO_TECNICA_DE_INVESTIGACAO_NA_PESQUISA_QUALITATIVA/links/5c60dfb0299bf1d14cbb4aef/A-ENTREVISTA-COMO-TECNICA-DE-INVESTIGACAO-NA-PESQUISA-QUALITATIVA.p)
- Bauer, Martin W., Gaskell, George (2008), PESQUISA QUALITATIVA COM TEXTO, IMAGEM E SOM: Um manual Prático, Petrópolis, RJ, Vozes.
- Bonomo, Mariana, Souza, Lídio De, Livramento, André Do, Canal, Fabiana, e Brasil, Julia (2007), “*Identidade, representação social e ciganidade: gênero e etnia entre ciganos calons no Espírito Santo*”, Universidade Federal do Espírito Santo, pp. 1-9.
- Bonomo, Mariana, de Souza, Lídio, Trindade, Zeidi, Canal, Fabiana, Brasil, Julia, Livramento, André et al. (2011), “Mulheres ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários”, *Universitas Psychologica*, vol.10, nº3, pp. 745-758.

- Branco, Carlos (2006), “ETNICIDADE E VIOLÊNCIA ÉTNICA: AS DIFERENTES ABORDAGENS TEÓRICAS E A SUA UTILIDADE NA GESTÃO DE CONFLITOS” em Instituto Português de *Relações Internacionais*, nº.11 (setembro), pp. 129-150.
- Carnut, Leonardo e Faquim, Juliana (2014), “Conceitos de família e a tipologia familiar: aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família”, *Journal of Management & Primary Health Care*, vol.5, nº1, pp. 62-70.
- Casa-Nova, Maria (2005), “ETNICIDADE E EDUCAÇÃO FAMILIAR: O CASO DOS CIGANOS” em *Revista Teoria e Prática da Educação*, vol.8, nº2 ( maio a agosto), pp. 207-214)
- Casa-Nova, Maria José (2002), “Etnicidade, Género e Escolaridade: Estudo em torno das socializações familiares de género numa comunidade cigana da cidade do porto”, Instituto de Inovação Educacional, Lisboa.
- Creswell, John (2007), *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*, Porto Alegre, Artmed.
- Eco, Umberto (2007), “Como se faz uma tese em Ciências Humanas”, Lisboa, Presença.
- Esteves, António e Azevedo, José (1998), *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*, Porto, Simão Guimarães Filhos lda.
- Facó, Vanessa Marques, Melchiori, Lígia Ebner (2009), “Conceito de família: adolescentes de zona rural e urbana” em *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliação e intervenção*, Do Valle, Tânia Gracy Martins (orgs.), Brasil, São Paulo, pp. 121-135.
- Fenton, Steve (2003), “Etnicidade”, Instituto Piaget, Lisboa
- Flick, Uwe (2013), *Introdução à Metodologia de Pesquisa: Um Guia Para Iniciantes*, São Paulo, Pensa. (tradução)
- Flores, Elio Chaves (2008), *NÓS E ELES: ETNIA, ETNICIDADE, ETNOCENTRISMO*, Brasil, Paraíba. PDF em <[http://www.cchla.ufpb.br/redhbrasil/wp-content/uploads/2014/04/mod\\_3\\_3.3.1a\\_-etnicidade\\_elio.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/redhbrasil/wp-content/uploads/2014/04/mod_3_3.3.1a_-etnicidade_elio.pdf)>
- Giddens, Anthony (2013), *Sociologia*, Lisboa, Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Haonat, Angela Issa, Costa, Edilia Ayres Neta (2020), “MULTICULTURALISMO E UM NOVO OLHAR SOBRE O OUTRO: A IMPORTÂNCIA DE SE EDUCAR PARA A DIVERSIDADE” em *Revista Humanidades e Inovação*, vol.7, nº3 (fevereiro), pp. 51-58.

- Leandro, Maria Engrácia (2006), “Transformações da família na história do Ocidente” em *THEOLOGICA*, vol.41, nº1, pp. 51-74.
- Louro, Guacira Lopes (1997), “Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista”, Petrópolis, RJ, Vozes, p. 14-36
- Magano, Olga (2012), “Pluralidade e reconfiguração da identidade cigana em Portugal” em *Revista da Faculdade de letras da Universidade do Porto*, vol.23, pp. 251-268.
- Magano, Olga (2017), “Mulheres Ciganas, Desigualdades de Género e Discriminação na Sociedade Portuguesa”, em *Violências de Género*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, pp. 153-187.
- Magano, Olga, e Mendes, Maria Manuela (2014), “Mulheres ciganas na sociedade portuguesa: tracejando percursos de vida singulares e plurais” em *Revista Sures*, nº3, pp. 15.
- Mendes, Maria Manuela (1997), *Etnicidade cigana, exclusão social e racismo. Etnicidade, grupos étnicos e relações multiculturais: elementos para a compreensão das relações entre ciganos e não ciganos*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dissertação de mestrado em Sociologia.
- Mendes, Maria Manuela (2012), “Raça e racismo: controvérsias e ambiguidades” em *Revista de Antropologia*, nº39, pp. 101-123.
- Mendes, Maria Manuela, Magano, Olga (2013), “Ciganos Portugueses: Olhares Plurais e Novos Desafios num Sociedade em Transição”, *Mundos Sociais*, Lisboa.
- Minayo, Maria Cecília de Souza, Costa, António Pedro (2018), “Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa” em *Revista Lusófona de Educação*, vol.40, pp. 139-153.
- Minayo, Maria Cecília de Souza, et al. (2002), *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.
- Nascimento, Caroline (2014), “Reflexões sobre as relações de integração dos ciganos e seus entraves na atualidade.”, *Reunião Brasileira de Antropologia*, pp. 1-14.
- Pereira, Izete, Carvalho, Fabiana, e Pereira, João (2019), “FAMÍLIAS CIGANAS: um estudo sobre suas condições de vida” em *REVISTA INTERFACE*, vol.16, nº2 (julho a dezembro), pp. 135-154.
- Pizzinatol, Adolfo (2009), “Identidade narrativa: papéis familiares e de gênero na perspectiva de meninas ciganas”, *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, vol.61, nº1, pp. 38-48

- Ponciano, Edna Lúcia Tinoco, Féres-Carneiro, Terezinha (2003), “*MODELOS DE FAMÍLIA E INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA*” em *Interações*, vol.8, nº16 (Jul-Dez), pp. 57-80.
- Poutignat, Philippe e Streiff-Fenart, Jocelyne (1998), “GRUPOS ÉTINCOS E SUAS FRONTEIRAS” em *Teorias da Etnicidade*, Fundação Editora da UNESP, Brasil, pp. 187-227
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008 [2005]). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gravidia.
- Rodrigues, Donizete (2016). “Antropologia e Educação: olhares cruzados e interdisciplinares”, in Barrio, Ángel Espina; Corrêa, Luiz Nilton; Vieira; Telmo Pedro (eds.). *Educação, Ecoturismo e Cultura em Ibero-América*. Florianópolis,
- Rodrigues, Donizete (2021) IDENTIDADE E ETNICIDADE: ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS em *Revista Humanidades e Inovação*, vol.8, nº42, pp. 192-201.
- Rodrigues, Donizete e Santos, Ana Paula (2006). “Grupo social, género e família na etnia cigana: o caso dos ciganos evangélicos”, pp. 189-203. Em: Bastos, Susana & Bastos, J. G. Pereira (coords.). *Filhos Diferentes de Deuses Diferentes: manejos da religião em processos de inserção social diferenciada*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Ruquoy, Danielle (1997), “*Situação de entrevista e estratégia do entrevistado*” em *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Albarllo, Luc et al. (orgs.), Lisboa, Gradiva (Tradução).
- Scott, Joan (1990), “*GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL DE ANÁLISE HISTÓRICA*” em *Educação & Realidade*, vol.15, nº2 ( Jul-Dez), PP. 71-99.
- Scott, Joan Wallach (1986 [1995]), *Género: Uma Categoria Útil De Análise Histórica*, Educação & Realidade.
- Serpa, Talita (2013), “*A teoria da antropologia da Civilização: tradução para a língua inglesa do habitus cultural brasileiro de Darcy Ribeiro em ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, vol.42, nº2, pp. 938-951, consultado a 20/04/2022, em <<https://livrozilla.com/doc/690088/a-teoria-da-antropologia-da-civiliza%C3%A7%C3%A3o--tradu%C3%A7%C3%A3o-para-a-...>>
- Silva, Eugénio Alves Da (2013), “As metodologias qualitativas de investigação nas ciências sociais”, nº.12, consultado a 12/03/2020, em <https://journals.openedition.org/ras/740~>
- Silva, Isabel Soares, Veloso, Ana Luísa e Keating, José Bernardo (2014), “Focus group: Considerações teóricas e metodológicas” em *Revista Lusófona de Educação*, vol.26, pp. 175-190

- Silva, Maria Aparecida Lima, Soares, Rafael Lima Silva (2011), “REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS DE RAÇA E ETNIA” em Revista Eletrônica de Culturas e Educação, nº4, consultado a 15-02-2022, em <<https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/component/phocadownload/category/133?download=144>>
- Souta, Luís (1997) “Da raça ao racismo”, in *O que é a Raça? Um Debate entre a Antropologia e a Biologia*, Amorim, De António, Almeida, Miguel Vale, Mota, Paulo Gama, Cunha, Eugénia e Marques, João Marques, Lisboa, Espaço OIKOS, pp. 43-50.
- Spaziani, Lídia (2016), “A estigmatização em relação aos ciganos: as construções avaliativas por não-ciganos”, São Paulo, Universidade de São Paulo, tese Pós-Graduação de Filosofia
- Tilio, Rafael Do (2014), “TEORIAS DE GÊNERO: PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS OFERECIDAS PELOS PERSPETIVAS CONTEMPORÂNEAS” em *Gênero*, vol.14, nº2 (setembro), pp. 125-148.
- Weber, Max (2000), “Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva”, Universidade da Brasília, Brasil, São Paulo. (Tradução)



## **Anexos**

# Anexo 1:

## Guião de Entrevista

- Qual a sua idade?
- Qual sua religião?
- Qual o seu estado civil?
- Quantos elementos tem a sua família?
- Qual o seu grau de escolaridade?
  - Qual a escolaridade dos seus filhos?
- Qual é a sua profissão?
- Qual a sua opinião em relação à escola e formação profissional?
  - Gostava de ter continuado a estudar?
  - Pretende estudar mais?
- O que acha do facto das mulheres ciganas saírem da escola mais cedo que os rapazes? Quais são as razões?
- Qual é a sua visão sobre o futuro?
- Teria feito algo diferente ao longo da sua vida?
- Conte-me sobre a sua rotina diária.
- O que gostaria de mudar no seu dia-a-dia?
- Que tipo de trabalho doméstico realiza no dia-a-dia?
  - É partilhado com o seu companheiro?
  - Sendo ainda solteira, como acha que será a sua vida doméstica com o teu futuro companheiro?
- Como vê o seu futuro a nível pessoal e profissional?
- Qual a importância da religião na sua vida e na comunidade?
- Como compreende a cultura cigana?
- Como é ser uma mulher cigana?
  - Qual a função da mulher cigana, na vida familiar e na comunidade?
  - Na sua opinião, qual a importância da mulher na decisão à nível financeiro e educacional na família?
  - Acha que a mulher cigana é muito dependente do seu companheiro?
  - Como a comunidade cigana vê a mulher cigana? O que espera das mulheres?
- Tem acesso e informações sobre os métodos contraceptivos?
  - Já usou algum método contraceptivo?
  - Ou pretende usar algum método, depois de casada?
- Vê diferenças na antiga e na presente geração da comunidade cigana?

- Sente que houve mudanças culturais e dos costumes da comunidade cigana?  
Alguma evolução?
- Fale-me das diferenças que existem entre as mulheres mais velhas e as mais novas dentro da comunidade.
- Tem algum sonho que gostaria de realizar?
  - Ou algo que fosse diferente na sua vida?

## **Anexo 2:**

### **Resultados das entrevistas:**

Mulher A: Simone

- Qual a sua idade?

**Resposta:** Tenho 76 anos

- Qual sua religião?

**Resposta:** Religião Evangélica

- Qual o seu estado civil?

**Resposta:** Casada (com 13 anos) / 5 filhas

- Quantos elementos tem a sua família?

**Resposta:** “Então, estou eu, o meu marido e está lá o meu neto para tomar conta de nós.”

- Qual o seu grau de escolaridade?

**Resposta:** “Não sei ler nem escrever. Naquela altura, o meu pai tinha um feitio muito esquisito e não deixava as filhas irem à escola. Só foi uma mais nova e dois irmãos é que foram à escola. Ele dizia para nós: ó filha, as mulheres não vão à escola. E eu perguntava porquê pai? Porque há muita maldade e muitas coisas, o meu pai era um bocado esquisito com nós. Pronto nunca aprendi a ler nem a escrever, mas tenho pena.

- Qual a escolaridade dos seus filhos?

**Resposta:** “As minhas filhas, só a mais velha é que não e esta que morreu, mas esta que morreu assinava o nome dela e tudo, ela andou nos cursos das escolas, a mais velha é que não. A mais velha nunca a meti na escola. A outras três têm a quarta classe.”

- Qual é a sua profissão?

**Resposta:** “Fui feirante desde que fui para angola fui feirante e cá também.”

- Qual a sua opinião em relação à escola e formação profissional?

**Resposta:** “Gosto, porque por exemplo já que não tive essa oportunidade e esse futuro que eu gostava, adorava saber ler e escrever, só para ler a bíblia o resto não me importava. Gosto que as crianças vão há escola e gostava que as minhas filhas todas soubessem ler porque por exemplo a mais velha vá não sabe como a que morreu. Se pudesse ia estudar de vontade”

- O que acha do facto das mulheres ciganas saírem da escola mais cedo que os rapazes?  
Quais são as razões?

**Resposta:** “As garotas andam agora tudo nas escolas, estas novinhas. Também tenho netas que andam na escola. Por exemplo, nós vemos tanta coisa que acontece na televisão do que fazem as crianças, que fazem isto que fazem aquilo. Que a gente chega a um certo ponto que a gente fica um pouco aborrecida e triste, será que pode acontecer aos nossos? O motivo é esse. As meninas podem andar até aos 10/ 12 anos porque eles nem respeitam as idades das crianças. A partir de uma certa idade 14/15 anos já é uma responsabilidade muito grande para o que possam acontecer com elas. E a gente não gosta. Nunca ouvi dizer um cigano violou a filha ou um filho e se alguém vissem uma coisa dessas para os ciganos os tiravam do mundo. Porque nós na raça cigana por exemplo as minhas filhas casaram todas virgens e para nós também é muito triste, mas agora já se vê muito antigamente não, Deus nos livre, os ciganos antigos como o meu pai eram dessa época não queriam que fizessem isso e se portassem mal. Mas agora já se vê muito na nossa raça vá. Antigamente, não se casava com um rapaz que não fosse cigano, agora é diferente”

- Qual é a sua visão sobre o futuro?

**Resposta:** “Pronto já estamos nessa época, já mudou muito. Há muitos ciganos que andam no ciclo no centro desemprego e até tempos uma cigana na nossa família que é advogada. Para nós é um orgulho pois nem todos tem essas possibilidades. Nós estamos aqui e queremos chegar ali e não conseguimos.”

- Teria feito algo diferente ao longo da sua vida?

**Resposta:** “Sim, porque é assim eu casei muito nova. Eu sou de Castelo Branco, o meu marido é daqui (Covilhã), depois não sei como aquilo foi, casar com 13 anos. Eu cuidava dos meus irmãos, a minha mãe teve 11 filhos, 8 meninas e 3 rapazes. Gostava de mudar quase tudo, porque por exemplo há ciganos que vivem muito bem, tem de tudo e não lhe faz falta nada. Ainda há pessoas muito pobrezinhas, as pessoas querem alcançar e não conseguem.”

- Conte me sobre a sua rotina diária.

**Resposta:** “Acordo muito cedo, as 07:00 /07:30 já estou de pé pois, não consigo estar na cama. Faço o café da manhã, lavo a loiça que tenho para lavar, meto a máquina da roupa a lavar, faço o almoço, lavo a casinha pois não gosto de ter casa suja por ser pobre gosto de ter tudo limpinho. Depois janto e tomo os meus comprimidos e deito me por volta das 23:00. Passo o dia a rezar pelos meus familiares.”

- O que gostaria de mudar no seu dia-a-dia?

**Resposta:** “O que gostava de mudar no meu dia a dia era as minhas filhas ao pé de mim, mas não pode ser porque tem a vida delas e tem filhos e não pode ser. Gostava de ter mais dinheiro para viver melhor a minha velhice com o meu marido. Que é o que nos espera, o meu marido é mais velho que eu, tem 87 anos. E é muito doente. Tinha a minha vida muito organizada, mas as doenças são tantas que o pouco que tínhamos se foi.”

- O trabalho doméstico é partilhado com o seu companheiro?

**Resposta:** “O meu marido sempre viajou para o estrangeiro e eu ficava cá, tinha as minha três filhas. Ele disse-me que tinha de ir embora pois aqui não era vida e lá foi, para Angola, Madeira e Açores e esteve muito tempo. Passado uns tempos fui ter com ele a Angola com as filhas. Cheguei lá, ele aceitou-me muito bem a mim e as minhas filhas ...aquilo foi ele não via mais nada a frente. O meu marido nunca foi uma pessoa por exemplo de bater e assim. Nem às filhas. Já grandes,

solteiras ele dizia para as minha filhas, podem ir para a rua brincar, mas às 22 horas têm de estar em casa. Mas o meu marido sempre me ajudou muito em tudo na minha vida.”

- Qual a importância da religião na sua vida e na comunidade?

**Resposta:** “É como já expliquei eu fui casada e batizada na igreja católica. Quando vim de Angola e vim para o Tortosendo os meus primos já andavam a pregar a palavra de Deus, o evangelho. E depois deram o conhecimento à mim, ao meu marido e às minha filhas. Gosto muito da religião evangélica, sinto-me bem com ela. Ajudou muito a comunidade cigana, para alguns, não para todos compreende. Há muitos que eram bêbados e eram vadios e essas coisas assim. E nunca aceitaram, iam ouvir o culto, mas a vida continuava. Então adorei muito, a gente tinha um primo que já faleceu que era pastor, o pastor Quim. Quando começou no evangelho era muito bêbado. Ai Jesus! Bebia todos os dias até que um dia vieram pastores que não eram ciganos que vieram da França e Espanha a darem a palavra e aí começou o evangelho, tiveram muito tempo a pregar a palavra de Deus. E nós graças a Deus...até hoje. A vida melhorou para muita pessoa.”

- Como compreende a cultura cigana?

**Resposta:** “Os ciganos têm muita tradição, por exemplo o luto, a gente ir para os casamentos não vai nem para festas também não, isso já tiramos. Mesmo na palavra de Deus, antes de morrer a minha filha, ela também era crente a gente já conhecia a palavra de Deus, o evangelho. Já sabíamos tudo da parte do evangelho. Por exemplo os ciganos antigamente chegavam a uma horta e roubavam ou favas, couves ou figos, mas mais não. Ainda há quem faça isso, mas maior parte dos que seguem a palavra de Deus já não faz essas coisas porque sabemos que é pecado mortal. Metade dos ciganos se afastaram de muitas coisas só seguem o evangelho de Cristo.”

- Como é ser uma mulher cigana?

**Resposta:** “A vida cigana, a vida cigana é bonita para esta pessoas, como por exemplo aquela que é advogada. Vivem como pessoas que não são ciganas, mas ela é cigana e os juízes, os advogados sabem que ela é cigana. Toda a gente sabe que é cigana. Adoram-na e eu também gostava que de ser assim, não acho mal nela porque é o futuro dela. Antigamente era um futuro agora já é outro.”

- Qual a função da mulher cigana, na vida familiar e na comunidade?

**Resposta:** “A mulher cigana adora os filhos e as filhas, os seus netos e a família. A mulher cigana tem a função de tratar e amar os seus filhos. E todas as mulheres desejam ter filhos e netos e cuidar deles.”

- Na sua opinião, qual a importância da mulher na decisão à nível financeiro e educacional na família?

**Resposta:** “Não, não temos. Por exemplo há um problema o meu marido é que tem de defender esse problema porque quando há homens não se confessam mulheres já dizia o ditado. O meu marido diz uma palavra no meio dos outros ciganos é assim, eu não vou desmentir o meu marido, não vou chegar ali no meio deles, ai não é assim que o meu marido está a falar a minha educação não dá para isso.”

- Acha que a mulher cigana é muito dependente do seu companheiro?

**Resposta:** “Acho que se trata de o homem tem de tratar mais em arranjar dinheiro e a mulher tratar da casa. E é um trabalho dos dois.”

- Como a comunidade cigana vê a mulher cigana? O que espera das mulheres?

**Resposta:** “Este tempo que estamos agora, esperemos muita coisa, por exemplo há muitas mulheres novas lindas e vemos o futuro delas. Por exemplo aquela esta comprometida com aquele rapaz, a gente vê a qualidade do rapaz mais a casa onde vai viver, são pessoas impecáveis e pessoas boas, com limpeza, com dinheiro tem a vida dela muito organizada e essas coisas assim, portanto o futuro dela vai ser um futuro bom e bonito.”

- Tem acesso e informações sobre os métodos contraceptivos?



**Resposta:** “Não tenho a certeza do que é. Não sei o que é”

- Já usou algum método contraceptivo?

**Resposta:** “Nunca usei.”

- Vê diferenças na antiga e na presente geração da comunidade cigana?

**Resposta:** “Há coisas que nesta época da juventude, há coisas que custam a engolir, mas é outro tempo como se costuma dizer. Não é como antigamente pronto. Antigamente gente tinha de ser corrigida no vestido, não usar saias curtas aqueles decotes enormes com o peito de fora como se vê as meninas mais novas, a gente as vezes não gosta e as vezes digo: “ó filha com essa saia tão curta quase se vê as cuecas”. Antigamente ninguém vestia calças e agora já usam. E o que elas dizem isso era no vosso tempo e agente tem de engolir e calar.”

- Sente que houve mudanças culturais e dos costumes da comunidade cigana? Alguma evolução?

**Resposta:** “Sim, como por exemplo o casamento agora já se pode casar com quem quiser antigamente só se podia casar com ciganos, também já existe divórcios e assim. Os tempos mudam agora já algumas mudanças na nossa etnia. Como também as meninas passarem mais tempo na escola, antigamente não era assim as meninas quase não podiam ir há escola.”

- Tem algum sonho que gostaria de realizar?

**Resposta:** “Queria, mas a gente não pode pedir riqueza a Deus. Não pode pedir e apenas o pão de cada dia. E como já lhe disse eu queria ter dinheiro para o que fosse e viesse. Por exemplo, se eu agora tivesse muito dinheiro, a minha filha deixou de ir a uma clínica particular fazer uns exames ao coração, ela coitada tem de estar sujeita para o mês que vem, pois tem de fazer o publico. Não era preciso rica, mas se tivesse dinheiro podia levá-la a uma clínica privada para se tratar.”

- Ou algo que fosse diferente na sua vida?

**Resposta:** “Se pudesse ter feito algo diferente, teria estudado mais e isso melhorava muito a minha vida. Nem que fosse saber ler e escrever, nem que fosse só para poder saber ler a bíblia.”

Mulher B: Valentina

- Qual a sua idade?

**Resposta:** “A minha idade é 17 anos”

- Qual sua religião?

**Resposta:** “A do culto? É a evangélica”

- Qual o seu estado civil?

**Resposta:** “Casada mesmo pelo civil. Com um cigano”

- Quantos elementos tem a sua família?

**Resposta:** “Vivemos juntos, mas porquanto é só eu e ele.”

- Qual o seu grau de escolaridade?

**Resposta:** “Cheguei a completar a 8º ano, passei para o 9º ano”

- Qual a sua opinião em relação à escola e formação profissional?

**Resposta:** “Na minha opinião é que a minha família também não me deixava estudar. A minha família também era contra eu estudar, mas por mim eu gostava de estudar até cheguei ao 8º ano a passar para o 9º ano, mas depois casei e deixei os estudos por um tempo, mas ainda quero tirar o 9º e o 10º ano. E acho que isso não é errado continuar”

- Pretende estudar mais?

**Resposta:** “Sim pretendo tirar o 9º e o 10º ano. E gostava de ser advogada se tivesse essa possibilidade. É uma profissão que sempre gostei.”

- O que acha do facto das mulheres ciganas saírem da escola mais cedo que os rapazes? Quais são as razões?

**Resposta:** “A gente mesmo que a gente não queira nota sempre a diferença, estamos na sala mesmo que não seja um ato de racismo sempre sentimos que somos

excluídos, mas eu não, com os meus colegas dava me muito bem e estava sempre com eles. Mas é sempre a tal coisa é cigano não vai continuar a estudar e assim essas coisas. Na nossa etnia a gente só vai casar uma vez e não pode ser uma pessoa que não seja cigana e o medo dos nossos pais é que gente na escola conheça outro homem e que se apaixonamos que não seja cigano. Como só podemos casar uma vez e tem de ser com um cigano e temos de fazer casamento. Eu estou a seguir minha etnia e de casar com um cigano e isso está sempre na minha mente, mas acho que não acho mal de uma menina cigana com toda confiança dos pais ir para uma escola, não se vai apaixonar por um homem que não seja cigano, a gente vai para escola para estudar, não é para andamos assim, mas pronto os nossos pais sempre têm receios da gente gostar de um homem que não seja cigano. Mas eu sempre disse à minha mãe que casava com um cigano e não que ia casar com um homem que não fosse cigano mesmo que eu seguisse não me ia apaixonar por não cigano. Porque tenho, já nasci com essa condição de ser criada com os ciganos e o medo deles é esse. Que as meninas possam fazer alguma coisa.”

- Qual é a sua visão sobre o futuro?

**Resposta:** “A nossa vida de cigano é os mercados, venda porta a porta e isso está a acabar, quem não tem um trabalho fixo sempre vai ficar muito mal e complicado de finanças. Também não quero esse futuro para mim.”

- Teria feito algo diferente ao longo da sua vida?

**Resposta:** “Não faria nada de diferente, pois eu sempre quis casar com um homem e seguir as tradições ciganas.”

- Conte me sobre a sua rotina diária.

**Resposta:** “Agora não tenho muitos passatempos. Eu acordo, tomo o pequeno-almoço e faço para o meu marido, ele vai para curso que ele está a tirar para fazer os anos que não tirou. Ele vai para o curso depois a minha sogra vai fazendo o almoço, eu arrumo as coisas, depois o meu marido vem comer porque agora a gente não anda a trabalhar, mas antes nos primeiros meses que eu casei, eu

andava com ele a vender de porta em porta e em mercados. Agora parei, pois ele anda em formações todos os dias. É uma rotina que ... depois há o culto evangélico há noite por volta das 19:30/20:00 vamos para culto e acaba as 23:00 é quase todos os dias também.”

- O que gostaria de mudar no seu dia-a-dia?

**Resposta:** “Eu gostava de estudar continuar a escola, não vou dizer que gostava que não me custava a levantar as 07:30 e assim, mas para mim e isso, gostava de ter um trabalho.”

- Que tipo de trabalho doméstico realiza no dia-a-dia?

**Resposta:** “Trato da casa como limpar e cozinhar. Trato das coisas mais por casa. Da roupa e assim...”

- É partilhado com o seu companheiro?

**Resposta:** “Eu fico mais com a casa e ele as vezes vai a venda e assim. Não, não há uma patilha. O trabalho é partilhado desta forma.”

- Como vê o seu futuro a nível pessoal e profissional?

**Resposta:** “No meu futuro nem digo ser advogada, quero muito ter uma coisas que me ajude financeiramente, um trabalho ou assim. Qualquer tipo de trabalho eu estou aberta. A vida de casada é diferente eu pretendo tirar o 9º ano e o 10º ano e depois arranjar qualquer trabalho. O meu marido também vai arranjar trabalho, mas agora durante um tempo vou andar assim. Eu vejo que a nossa vida vai acabar já com o covid os mercados pararam então se os mercados acabam o que é que eu vou fazer. Mas por agora eu vou continuar esses trabalhos e formações e tudo para nos ajudar até agora tem ido bem.”

- Qual a importância da religião na sua vida e na comunidade?

**Resposta:** “Porque a gente crê só num Deus e acreditamos que ele nos ajuda e que nunca nos deixa faltar nada confiamos nele. Sinto me bem no culto. Porque Deus para nos significa umas coisas muito grande na nossa vida e quem não segue a Deus, Deus não ajuda, e quem anda na igreja Deus sempre mantém nos firme.

A gente confia nele para nos ajudar o pão de cada dia e tudo, quando temos necessidades pedimos a Deus e que ele nos ajude é um ponto seguro que a gente deposita toda a confiança a Deus. Confiamos mais em Deus do que em alguém colocamos Deus acima de tudo.”

- Como compreende a cultura cigana?

**Resposta:** “Eu gosto muito de ser cigana e não nego que gosto de ser cigana. E gosto que os ciganos sejam unidos, acontece alguma coisa a um cigano o resto está lá para lhe dar a mão. Está um cigano hospitalizado o resto ajuda toda a família para todas as necessidades, estão lá sempre unidos. Eu falo pela minha família, ela também é muito unida. Eu gosto muito das tradições ciganas, os cabelos, a gente casar só com um homem... prontos conhecemos só um homem eu gosto muito da tradição cigana. Os pontos negativos é que nós somos muito chegados para com as pessoas, pensamos que as pessoas são racistas, as vezes é dos nossos pensares e a gente não se abrir com as pessoas. Nem todos os ciganos são iguais, como os outros lados não são todos iguais.”

- Como é ser uma mulher cigana?

**Resposta:** “Eu vejo a mulher cigana com respeito e uma mulher cigana é tal coisa não podemos dar confiança a outros homens mesmo sendo de etnia cigana ou não sendo, a gente tem de se manter sempre firme. A mulher cigana tem que fazer os comeres, a responsabilidade da casa é para a mulher e não para o homem e assim...”

- Qual a função da mulher cigana, na vida familiar e na comunidade?

**Resposta:** “Eu acho que o homem tem uma função mais importante, pois ele é quem traz o comer para casa, o dinheiro, que paga as dividas e assim. Também é o homem que trabalha, as vezes as mulheres também vão trabalhar, mas é mais os homens. O homem nunca deixa faltar nada à sua mulher. A mulher é a tal função de doméstica, tem sempre tudo arranjado

para o seu marido os comeres, passa a roupa, lava coisas domésticas. Mas a parte importante é a do marido.”

- Na sua opinião, qual a importância da mulher na decisão à nível financeiro e educacional na família?

**Resposta:** “A opinião da mulher cigana para o seu marido tem importância. A opinião da mulher conta muito agora já não vivemos como vivíamos antes, já não é só o homem a mandar, a mulher também ajuda o marido. Agora as mulheres já não são obrigadas a casar, a mulher casa porque quer seguir as tradições ciganas. Eu casei porque quero seguir as tradições ciganas, eu quis seguir as tradições ciganas e casei com um cigano. A opinião da mulher conta para o seu marido.”

- Acha que a mulher cigana é muito dependente do seu companheiro?

**Resposta:** “Acho. A mulher cigana está sempre a depender do seu marido. A mulher cigana depende muito do homem em quase tudo pois o homem é muito importante para vida da mulher.”

- Como a comunidade cigana vê a mulher cigana? O que espera das mulheres?

**Resposta:** “Sim, a gente dá muito valor às mulheres. Por exemplo: Ai! Tão nova teve um filho e a educação que dá ao seu filho e não deixa que lhe falte nada, ela e o marido sempre dizemos assim quando é novinha e assim. Ai! A responsabilidade muito grande que tem e é tao nova, anda sempre bem e limpinho. Isso é muito importante.”

- Tem acesso e informações sobre os métodos contraceptivos?

**Resposta:** “Não sei o que é isso. A gente só tem filho se quisermos, muitas usam precaução, tudo bem, mas quem quer tem. As meninas que tem todas querem. Ai! Aconteceu, mas é mentira elas têm opção. Porque as mulheres ciganas quando casam, todas tem este pensar já que eu casei, eu quero um filho. Querem logo uma casa um filho mesmo com a idade que for. Por exemplo eu tenho 17 anos e já quero uma casa sozinha. Daqui há um tempo também vou querer um filho, isso

não quer dizer que isso seja um fardo para gente. As meninas ciganas casam e pensam logo em ter filhos, tanto o marido como a mulher. Há meninas que falam com os seus maridos e os maridos entendem que ainda é muito cedo tomam coisas, comprimidos ou pilulas e não tem. Eu já estou casada há 8 meses já estou a pensar numa casa e quando tiver essa casa quero ter filhos.”

- Já usou algum método contraceutivo?

**Resposta:** “Não”

- Ou pretende usar algum método, depois de casada?

**Resposta:** “Não, pois daqui a uns tempos quero ter filhos”

- Vê diferenças na antiga e na presente geração da comunidade cigana?

**Resposta:** “Eu acho que tem havido muito avanço na nossa comunidade já não é como antes. Agora as meninas ciganas podem escolher com quem vão casar e antes não... era o pai e mãe que faziam os casamentos. Agora não... nós temos a escolha com quem vamos casar. Antes as meninas eram mais fechadas, agora temos mais liberdade, antes uma menina cigana não ia para escola nem fazer até ao 4º ano. Mas agora como entrou isto de ser obrigatório todas vão, já não podem dizer nada.”

- Sente que houve mudanças culturais e dos costumes da comunidade cigana? Alguma evolução?

**Resposta:** “Na nossa etnia uma mulher casar mais do que uma vez não era visto agora já há. Já há homens com homens e mulheres com mulheres, mas aí essa parte a gente já exclui, a gente exclui essa pessoa da família. Quando a pessoa não é ...quando casa mais do que uma vez porque não se deram bem com o marido, mas homens com homens e mulheres com mulheres são logo excluídas. Eu sou contra isso, eu também não gosto nem na nossa etnia nem na outra, e como a família tinha tanta confiança na pessoa, isso para a gente é uma traição e então a gente exclui. Eu também não gostava que um irmão meu andasse com outro homem está a ver. O meu pai excluía e eu também não estava com ele, porque já

tenho esta ideia na cabeça, e não consigo mesmo de outras etnias ciganas eu também não gosto. Ainda não aceitei isso.”

- Fale-me das diferenças que existem entre as mulheres mais velhas e as mais novas dentro da comunidade.

**Resposta:** “Na nossa etnia é assim por exemplo a gente morre... um marido e é uma tristeza muito grande para nós, tanto que já não voltamos a casar. Se for por exemplo eu... se morrer agora o meu marido eu tenho de me vestir toda de luto, mas mesmo nas mais nova chegam a tirar o luto, mas agora com 40 anos nunca mais tiram o luto é eterno porque tem sempre aquela amargura no coração. Agora quando é um filho por exemplo se eu sou nova e perdesse um filho já não podia tirar o luto. Porque um filho é mais do que um marido. A minha opinião sobre isto é que eu respeito o luto, há pouco tempo morreu a minha avó era uma pessoa que eu gostava muito e eu tive um mês de luto. Pronto é todas vestidas de preto, há quem meta uma blusa conforme os lutos para um avô posso por uma calça e uma camisola, mas se for por um pai tenho que me vestir toda de luto e por um lenço e pelo um marido e um filho. Por um pai pode se tirar o luto, mas por um filho não se tira e assim as pessoas respeita os lutos uns dos outros.”

- Tem algum sonho que gostaria de realizar?

**Resposta:** “Viajar pelo mundo e ter o meu lar e os meus filhos”

Mulher C: Joana

- Qual a sua idade?

**Resposta:** “Tenho 40 anos.”

- Qual sua religião?

**Resposta:** “Evangélica”

- Qual o seu estado civil?

**Resposta:** “Casada.”

- Quantos elementos tem a sua família?



**Resposta:** “Vivem 7, mas já deram uma casa ao meu filho. Ele já está a mudar para a casa dele. Tenho 3 meninos, tenho a nora em casa e tenho duas netinhas. Mas ele já tem a sua casa, ele já está independente.”

- Qual o seu grau de escolaridade?

**Resposta:** “Tenho a 4<sup>o</sup> classe”

- Qual a escolaridade dos seus filhos?

**Resposta:** “Os meus filhos andam no ciclo. Um tem 16 anos anda no 8<sup>o</sup> ano, o outro anda no 2<sup>o</sup> ano.”

- Qual é a sua profissão?

**Resposta:** “Ando assim por causa dos rendimentos, vivo do rendimento. Já não vou para as feiras pois já não há dinheiro para isso.”

- Qual a sua opinião em relação à escola e formação profissional?

**Resposta:** “Eu gosto que os meus filhos andem na escola e quero que as minhas netas sigam a escola porque já não temos o tempo antigo. Somos de outro tempo, agora a vida cigana já esta acabar, já não é como antigamente. Agora temos outra mentalidade como vocês, já vê que já há ciganas advogadas, já há muita pessoa assim e espero que os meus filhos também sigam assim e que tenham o seu futuro.”

- Gostava de ter continuado a estudar?

**Resposta:** “Gostava”

- Pretende estudar mais?

**Resposta:** “Agora estou há espera do curso para entrar, que é aprender a ler mais. É um curso aqui no Tortosendo, estou há espera que vá abrir. É para acabar a 4<sup>o</sup> classe completa.”

- O que acha do facto das mulheres ciganas saírem da escola mais cedo que os rapazes? Quais são as razões?

**Resposta:** “Porque elas são meninas e a partir de uma idade, dos 14 ou 15 anos os pais já não deixam porque já estão prontas para casar. Os ciganos já falam de elas

andarem na escola...e têm medo de que pronto que aconteça alguma coisa. Agora já vão mais à escola e já andam na escola até já andam no ciclo e tudo. Agora já começam a ir mais. Eles estão em casa e têm as meninas na escola para os ciganos isso, isto é, muito conta muito já não conseguem ter lá uma filha com 15 / 16 anos.”

- Qual é a sua visão sobre o futuro?

**Resposta:** “Agora vejo mais aberto, agora já é uma relação que tem não é como antigamente. Por exemplo antigamente era obrigatório casar uns com os outros agora já não são. Antigamente vestia-se aquelas saias compridas agora já não vestimos, vestem calças e antigamente não iam para uma piscina agora já vão, em fato de banho e uns calções. Agora já vão. Agora se você for ao Facebook já vê muita gente nas piscinas e assim. Já se vê muitas ciganas nas piscinas, antigamente onde se via isso? Antigamente onde é que se vê uma cigana? Onde é que se via uma cigana a casar com um rapaz que não era cigano ou um cigano a casar com uma rapariga que não era cigana? Eu tenho um cunhado que está junto com uma rapariga que não é cigana e está aqui uma que também. Oh! Primeiro a comunidade não aceitava, agora já aceitam assim mais ou menos, já começam a aceitar.”

- Teria feito algo diferente ao longo da sua vida?

**Resposta:** “Gostava de ter estudado mais, aprender a ler e a escrever.”

- Conte me sobre a sua rotina diária.

**Resposta:** “Acordo... fico em casa a arrumar as coisas, o meu marido está agora num curso. Arrumo as coisas, tomo conta das netinhas, faço o almoço. É a minha vida doméstica. As vezes tenho curso, vou ao curso entro as 09:00 e saio as 17:00.”

- O que gostaria de mudar no seu dia-a-dia?

**Resposta:** “Gostava de ter um curso de costura, pois iria fazer umas coisas que gosto e podia melhorar a minha vida. É muito chato só estar em casa, só em casa é chato.”

- Que tipo de trabalho doméstico realiza no dia-a-dia?

**Resposta:** “Arrumo a casa, tomo conta das netas, faço o almoço o jantar. Essas coisas domésticas.”

- É partilhado com o seu companheiro?

**Resposta:** “Tenho a minha nora, ela ajuda me muito. Por exemplo eu arrumo a cozinha, ela arruma a sala é assim, ela ajuda-me muito. O meu marido agora anda no curso. Acha que os ciganos ajudam nisso? Nisso não. Mas o meu marido ajuda por exemplo se ele entrar na cozinha, se vê a cozinha assim suja, ele é capaz de apanhar numa vassoura e apanhar o lixo. É capaz de tirar a loiça que está em cima da mesa e por no lava-loiça. Se tivesse doente e não tivesse a minha nora, ele ajudava-me muito. Não é um homem que se faça de esquisito, isso é capaz de ajudar. Muitas vezes aventa-me o lixo.”

- Como vê o seu futuro a nível pessoal e profissional?

**Resposta:** “Gostava de mudar, gostava de trabalhar como as outras pessoas normais. Gostava de ter um emprego como as outras pessoas normais. Gostava de ser costureira até já tirei aqui um curso aqui no projeto.”

- Qual a importância da religião na sua vida e na comunidade?

**Resposta:** “É importante porque sabemos que há um Deus e que temos uma alma para salvar. A gente sabe que não podemos roubar, matar, tiram as pessoas da droga ajudam essas pessoas assim. Para sermos mais educados para as pessoas, para sabermos falar, para sabermos estar. Ajuda muito a comunidade, mas na nossa igreja pode ir quem quer, a porta esta aberta. Pode ir para quem quer negros... seja o que for pode ir.”

- Como compreende a cultura cigana?

**Resposta:** “A pessoa cigana é, como é que eu hei-de explicar isto, há coisas que são obrigatórias manter ainda, está a compreender o que estou a dizer? Casar com um que não seja cigano, há muita coisa que se mantém, não todas nem todas. Agora na etnia cigana há muitas senhoras que estão com os maridos e deixam os

maridos e vão com outros. Antigamente era mais fechado agora já não. Se o meu filho se divorciasse eu dizia para apanhar a minha nora pois tem as minhas netas, não gostava, pois, ele tem a sua mulher para quê que vai ver de outra. Por exemplo tenho lá dois filhos, se trouxesse uma rapariga que não fosse cigana para a minha casa eu não me importava disso, desde que se desse com nós. Não me importava é uma rapariga como as outras.”

- Como é ser uma mulher cigana?

**Resposta:** “Agora já não há. Oh! Primeiro tinhas de usar aquelas saias compridas pronto agora da vossa etnia passemos a gente dizem logo ali vai uma cigana. isto é um ato... já viu. Já não é como antigamente agora já está mais liberdade. Já temos mais liberdade.”

- Qual a função da mulher cigana, na vida familiar e na comunidade?

**Resposta:** “Os ciganos é assim quando há uma festa e tem uma filha e uma mulher gostam que elas bailem muito bem, que tenham os cabelos muito grandes, gostam de ver as mulheres bem arranjadas e bem pintadas. A minha nora não é daqui é da guarda, eu também não soube quando o meu filho foi buscar a minha nora há guarda ele casou com 15 anos. Quando ele casou eu apanhei uma depressão muito grande. Ele foi camionete da Covilhã, as 18:30 apanhou a camionete foi para a guarda e nós corremos aqui o Tortosendo todo à procura dele. Quando era 20:30 ele liga-me a dizer que tinha ido buscar uma rapariga há guarda. Eu desmaie para o lado.”

- Na sua opinião, qual a importância da mulher na decisão à nível financeiro e educacional na família?

**Resposta:** “Quando eu decido, eu também decido e tenho opinião. O meu marido já não é esses antigos, o meu marido é esse moderno. Deixa me fazer tudo. Se eu quiser vestir manga há cava, vestir o que eu quiser ele não se importa. Eu não visto pois eu sou uma mulher do culto e o meu marido é pastor evangélico e eu não gosto de vestir, mas se eu gostasse vestia isso.

Quando eu quero dar uma opinião ele aceita a opinião. Ele as vezes quer fazer uma coisa e eu também falo e ele já não faz aquilo. A gente entende-se lá muito bem em casa.”

- Acha que a mulher cigana é muito dependente do seu companheiro?

**Resposta:** “Muitas ainda são, eu não. Se eu quiser ir a um café, eu vou e o meu marido não me diz nada. Eu não tenho isso com o meu homem.”

- Como a comunidade cigana vê a mulher cigana? O que espera das mulheres?

**Resposta:** “A cigana gosta muito de ser arranjar, pintar, esticar o cabelo, tratar das unhas. Elas gostam disso. Gostam que ela case com a usa honra. Por exemplo eu sou uma rapariga solteira e estava em casa dos meus pais. Casava com um rapaz que não era cigano eu já manchava a cara do meu pai. Ele não ia aceitar porque a nossa raça é mesmo isso. Agora já vê mais pessoas assim, isto aqui a tradição nossa. Aqui da minha parte, se tivesse uma filha solteira não ia gostar que ela se casasse com uma pessoa que não fosse cigana. Eu não gostava, mas se ela casasse, se ela fosse embora eu não a podia apanhá-la...preferia que casasse com um cigano.”

- Tem acesso e informações sobre os métodos contraceptivos?

**Resposta:** “Não sei o que é isso. (explicando o que era) há isso sei. Eu tenho os meus três filhos porque quis. Tenho um com 23, e tenho um com 11... e foi uma coisa mesmo planeada. Se não quisesse não tinha ca os meus filhos.

- Já usou algum método contraceptivo?

**Resposta:** “Não nunca tomei. O meu marido também nunca usou preservativo. Eu não tenho mais filhos porque eu não quero. Eu tive os meus filhos porque eu quis mesmo. Tive o meu filho mais velho aos 17 anos.”

- Vê diferenças na antiga e na presente geração da comunidade cigana?

**Resposta:** “Agora já são mais evoluídas e evoluídos. Já tem o Facebook e tem telemóvel, já vê mais o mundo de outra maneira. Eu acho muito bem. Oh! Primeiro tínhamos de usar aquelas saias muito compridas e essas coisas. Oh!

Primeiro era muito chato agora já não ...já vivemos noutra mundo. Era que a gente tinha o mundo assim muito fechado e agora descobrimos um mundo novo.”

- Sente que houve mudanças culturais e dos costumes da comunidade cigana? Alguma evolução?

**Resposta:** “Houve muita mudança. Deixamos de fazer muita coisa de antigamente, já não há nada disso. Já são liberais, já mandam elas próprias. As mulheres já mandam mais. Casam com um homem já não querem aquele homem casam com outro, muitas.”

- Fale-me das diferenças que existem entre as mulheres mais velhas e as mais novas dentro da comunidade.

**Resposta:** “A meninas hoje em dia tem mais liberdade tanto em a escolher o seu marido como até têm Facebook e essas tecnologias. É totalmente diferente as mulheres antigamente não tinham metade da liberdade, tinham um homem que estavam comprometidas e era até ao fim. Agora já não é assim e usavam roupas muito compridas e escuras agora até as meninas andam como querem.”

- Tem algum sonho que gostaria de realizar?

**Resposta:** “O meu sonho é que gostava que o meu garoto tivesse um menino. Riqueza já não posso ser rica de que? E de ser costureira. O meu sonho era isso a minha nora tivesse um menino. Tem duas meninas uma com 6 anos e outra com 3 meses, mas ela não quer mais ter filhos.”

#### Mulher D: Virgínia

- Qual a sua idade?

**Resposta:** “A minha é 25 anos.”

- Qual sua religião?

**Resposta:** “Evangélica”

- Qual o seu estado civil?

**Resposta:** “Sou casada”

- Quantos elementos tem a sua família?

**Resposta:** “Só apenas eu e o meu marido.”

- Qual o seu grau de escolaridade?

**Resposta:** “É a escolaridade que eu tenho, eu tenho o 5<sup>o</sup> ano.”

- Qual é a sua profissão?

**Resposta:** “Agora estou num curso de jardinagem. Que é fazer a jardinagens, o que é fazer a poda e essas coisas assim.”

- Qual a sua opinião em relação à escola e formação profissional?

**Resposta:** “Eu acho a escola ótimo, acho que é muito importante. Se eu não fizesse... porque agora já podem as ciganas já podem estar na escola, há umas que já são advogadas e assim. E eu consegui estar na escola, se eu fosse para a escola se calhar nesta altura podia ser uma profissional, fazer massagens que é o que eu gosto mais. Se uma pessoa tiver dores nas costas e assim, e se eu for lá eu consigo tirar a dor. Se eu fosse fazer minha vontade e se dissesse ao meu pai que queria fazer aquilo. Agora podia ser uma profissional, podia estar a fazer umas coisas só para mim e ajudar as pessoas, curá-las é o que eu gostava. A escola é muito boa, eu tenho o meu irmão que agora é chefe de cozinha e tenho outro que vai ser tradutor. Eu também gostava, eu acho que a escola é ótima.”

- Gostava de ter continuado a estudar?

**Resposta:** “Sim eu gostava de ter continuado a estudar, mas não consegui. “

- Pretende estudar mais?

**Resposta:** “Se tivesse essa oportunidade eu estudava.”

- O que acha do facto das mulheres ciganas saírem da escola mais cedo que os rapazes?  
Quais são as razões?

**Resposta:** “Eu não gosto disso, eu gostava que as meninas todas ciganas e ciganos porque já pessoas assim... eu gostava que eles fossem para a escola e que estudassem e que fossem... eu acho que é uma estupidez dizermos que não podemos ir para escola ou os pais não deixarem as filhas ir para a escola. Isso é uma estupidez. Elas deviam

andar e deviam estudar, deviam ser alguém agora porque agora é que vemos que necessitamos da escola, nós necessitamos dos estudos, nós necessitamos de ter a nossa profissão e temos tudo o que nós queremos se tivemos na nossa vida. Não é não temos escolaridade, olha... eu tenho o 5º ano e estou a atirar o 6º ano e o 7º ano com a escola de jardinagem, pronto isto já é bom para mim e depois vou continuando que é o mais quero, que é continuar até ter um curso, mas se eu tivesse feito isso antes agora já podia ter os estudos todos como os meus irmãos tem. Eu gosto que as mulheres tenham escolaridade.”

- Qual é a sua visão sobre o futuro?

**Resposta:** “Eu imagino ser feliz, ter escolaridade, termos emprego porque há pessoas que querem emprego. Gostava de ter os meus filhos, de ter emprego e essas coisas assim.”

- Teria feito algo diferente ao longo da sua vida?

**Resposta:** “Teria feito a escolaridade logo de uma vez para agora ter uma vida melhor.”

- Conte me sobre a sua rotina diária.

**Resposta:** “O meu dia-a-dia é levantar-me. A gente lá para as 09:00 temos que estar no curso, vamos para o curso... depois do curso vamos para casa almoçar... depois voltamos para o curso outra vez ...saímos lá para às 17:00/17:30. Depois disso vamos para casa jantamos; às 20:00 vemos um bocado a televisão e depois vamos para o nosso culto, que é aqui perto, que é onde nós vamos adorar a Deus e isso é o meu dia-a-dia. As vezes vou visitar a minha mãe que a minha mãe não é de cá, ela é de Abrantes e eu também sou. E é assim.”

- O que gostaria de mudar no seu dia-a-dia?

**Resposta:** “Trabalhar...numa coisa que eu gosto, fazer massagens e ajudar as pessoas que tem dores era o que eu gostava de fazer. Se eu mudasse...se eu quisesse...eu queria ter esse curso pronto porque se eu sei agora se tivesse o curso mais eu sabia. Mais eu sabia os sítios onde eu tocar e ajudar as pessoas e



assim eu se eu pudesse isso. Ainda ontem estava a dizer isso a minha sogra, eu preferia mesmo saber isto, estudar isto e a esta hora podia ser uma profissional. Se agora eu consigo, se eu tivesse o curso mais eu profissional eu estava.”

- Que tipo de trabalho doméstico realiza no dia-a-dia?

**Resposta:** “Eu faço tudo. Eu arrumo a casa, passo a ferro, meto a roupa a lavar minha e do meu marido. Está bem que ele me ajuda em tudo. Faço o jantar e assim essas coisinhas das mulheres.”

- É partilhado com o seu companheiro?

**Resposta:** “Sim é partilhado. O meu marido ajuda em tudo, as pessoas não acreditam porque os ciganos são assim os homens só mandam nas mulheres, as mulheres é que fazem tudo. O meu marido não, tenho um marido que ajuda-me tudo se eu precisar ele ajuda me fazer a cama, se eu precisar enquanto eu estou a fazer o almoço ou o jantar ele está a por a mesa. Quando acabamos de jantar ele ajuda a levantar os pratos, ele mete os pratos ali enquanto eu estou a lavar. Também tenho a minha sogra que me ajuda a tudo. O meu marido é excelente”

- Como vê o seu futuro a nível pessoal e profissional?

**Resposta:** “Eu gostava muito de ser massagista e tirar um curso nessa área e ter filhos também é um dos meus objetivos.”

- Qual a importância da religião na sua vida e na comunidade?

**Resposta:** “Sinto-me muito bem. A pessoas que não sabem o que a gente sente. Quando a gente vai ao culto a gente ouve a palavra de Deus que é o que está na bíblia e as vezes a gente ao orar a Deus, a gente sentimos paz, sentimo-nos alegres mesmo que entres dentro da igreja triste, isto já me aconteceu, entrar dentro da igreja a chorar e sair de lá a rir. Sinto-me livre, sinto-me feliz ...muito feliz. Às vezes já me aconteceu, ainda na semana passada eu fui para dentro da igreja triste... às vezes há tempos assim, não é? Eu entrei e sai de lá muito contente, a

rir-me. Estás como o dia acabe e que venha o outro dia para voltares outra vez é muito bom sentir a paz de Deus.”

- Como compreende a cultura cigana?

**Resposta:** “Eu acho que a cultura cigana é muito linda. Somos muito unidos, a gente, os nossos pais, nossos irmãos, os nossos tios e primos e assim... somos muito unidos. É muito linda as nossas músicas. Eu só não gosto que não se pode estudar, mas agora os ciganos já não estão assim... agora os ciganos já deixam as filhas estudar, já deixam as filhas casar com quem querem. Eu casei com quem eu quis. Eu gosto muito da etnia cigana, não posso dizer que não, gosto muito. Só não gosto as meninas não estudarem, mas agora já está diferente.”

- Como é ser uma mulher cigana?

**Resposta:** “[Riso] Olha eu vou te contar uma coisa, eu não fui criada com os ciganos, eu fui criada numa aldeiazinha onde não há ciganos e a minha mãe nunca deixou que me levasse para as feiras nem para as festas, nunca. Ela nunca foi assim e eu ficava sempre com uma senhora que tomava conta de mim. Até tinha os seus netos, ficamos todos irmãos e primos e assim... depois essa senhora morreu, e depois a minha mãe mudou-se para o Entroncamento que é ao pé de Santarém, e aquilo era muito diferente, pois na aldeia só havia a primária e depois fomos para uma escola diferente daquela que a gente estava. E eu fui para aquela escola e uma senhora: então Virgínia... pois eu comecei a chorar porque era muito gente. Só queria a minha mãe. A senhora começou a falar comigo e tudo bem e gostei muito da professora. Só que depois apareceu lá muitas ciganas e eu o que é que eu pensava, na minha cabeça eu não era cigana então o que é que acontecia, eu quando via essas meninas ciganas eu não deixava a minhas amigas estarem com as ciganas. Porque eu pensava que não era cigana. Então eu cheguei a dizer a minha mãe que não queria aquela escola e ela perguntava sempre porquê? E eu dizia porque estavam lá muitas ciganas, e a minha mãe dizia filha não podes fazer isso. E eu dizia a minha mãe que não porque elas metem com a gente porque há

ciganas que se metem e outras que não e aquelas ponham se logo comigo. Eu também era cigana, mas eu não sabia. A minha mãe dizia que não podia fazer isso porque também era cigana [Risos] Não pode ser, se tu também és cigana tens de te dar bem com elas pois elas também são ciganas...elas na escola só me diziam que eu era cigana e eu respondia que não era nada. Depois a partir dai comecei a ter os meus primos, pois não tinha ligação com eles e depois é que conheci a etnia cigana, comecei a saber dançar, comecei a saber o que eles falavam... a entender mais ou menos. E comecei a gostar muito de ser cigana, gostei muito... somos muito unidos...brincamos. A minha mãe sim...só que o meu pai é aquele homem que nunca quer estar com os ciganos. O meu pai não gosta porque há muitos ciganos que não são como nós. Então o meu pai sempre teve muito distante dos ciganos, nunca foi um homem de dizer vai para ali ter com os ciganos o meu pai nunca foi assim. Sempre me proibiu isso é verdade, mas eu gosto muito de ser cigana.”

- Qual a função da mulher cigana, na vida familiar e na comunidade?

**Resposta:** “A função das mulheres ciganas é tratar da casa e dos filhos, mas já não é só isso também já há mulheres com trabalhos. E que querem ter uma vida delas.”

- Na sua opinião, qual a importância da mulher na decisão à nível financeiro e educacional na família?

**Resposta:** “Sim, as vezes estou em casa e eu vou algum lado e ele liga-me a perguntar onde é que estou olha estou aqui no café. Nós temos aqui um café aqui por trás que é muito lindo então nós é só descer as escadas e estou no café. O meu marido não é aquela pessoa que diz olha não vais, tens de ficar aqui não ele não é assim. Se for ali ele deixa-me ir ali. Olha eu estou aqui e ele nem sabe que estou aqui.”

- Acha que a mulher cigana é muito dependente do seu companheiro?

**Resposta:** “No meu caso não acho, eu e o meu marido temos uma relação muito boa. Eu e o meu marido somos iguais, ele já tem um pensar diferente.”

- Como a comunidade cigana vê a mulher cigana? O que espera das mulheres?

**Resposta:** “Depende os ciganos também. Há ciganos que não gostam do que as mulheres vestem, há outros que gostam que as mulheres estejam bonitas que estejam arranjadas como o meu marido ele é assim. Eu não posso estar de pijama, se estiver de pijama já começa logo a dizer: vai te arranjar vai te pintar... ele é assim. Mas há outros ciganos que podem dizer que tens a saia muito curta ou tens o peito muito coiso, há ciganos assim. Depende muito dos ciganos e como vê as pessoas ...há pessoas más e há pessoas boas, há pessoas que estão contigo e te elogiam e que gostam e, pois, há outras que vem e dizem: ai tu estas assim e assado... mas também é da mente deles que é mesmo assim.”

- Tem acesso e informações sobre os métodos contraceptivos?

**Resposta:** “sim tenho conhecimento sobre isso.”

- Já usou algum método contraceptivo?

**Resposta:** “Sim agora estou a usar a pilula. Mas isso é um tratamento que estou a fazer porque eu e o meu marido queremos um bebé então temos de fazer esse tratamento. Tenho que usar pilula para isso, mas se use eu não usava, mas eu sei o que é isso.”

- Vê diferenças na antiga e na presente geração da comunidade cigana?

**Resposta:** “É assim há muita diferença. Opá! No tempo da minha avó por exemplo não havia o que há hoje pronto. De antes as mulheres não podiam fazer aquilo e agora já fazem. De antes as mulheres tinham de casar como os pais queriam e agora já não é assim. Se as mulheres disserem... o pai pergunta filha: tu gostas dele? O meu pai fez me isto. Ele pergunta e as mulheres dizem: não pai, não gosto e os pais aceitam. Agora de antes não, antes era: tens de casar é o teu futuro e com ele que tens que ficar e etc...etc... é muito diferente, de antes as

meninas não podiam ter telefone agora as meninas já têm. Se eu tivesse tido no antigamente eu não podia ter casado com o meu marido porque era muito longe e o meu pai não queria. Mas agora não as mulheres casam com quem elas quiserem, tem telemóveis, tem TikTok e essas coisas que antes não tínhamos. Antes não podíamos fazer que é mesmo assim. Tanto que os ciganos mais velhos as vezes dizem assim como é que o tempo está, já não há ciganos nem ciganas e assim porque antes os ciganos tinham que casar e não se podiam divorciar. Porque agora os homens e as mulheres...o meu marido não ...eu podia me separar do meu marido ... eu sou mesmo casada com o meu marido pelo registo e ele podia se separar de mim, mas de antes não se podia fazer isso. Eu tinha de ficar com ele e eu com ele até ao resto da vida. Que há pessoas assim velhas que aconteceu isso. Agora já não por exemplo se o meu marido disse: não gosto de ti, nós separava-nos e prontos ficamos assim. Antes tínhamos de casar e ficar, ficar, ficar...”

- Sente que houve mudanças culturais e dos costumes da comunidade cigana? Alguma evolução?

**Resposta:** “Sim houve muitas mudanças. Tanto que já há ciganas juízas, advogadas, uma que é medica. Já estão a pensar por elas não pelas vidas dos outros. O meu marido, se eu quisesse eu já tinha a carta ou já podia ter estudado para isso para fazer massagens e essas coisas assim. Ele diz-me: vai ...faz... e se eu quiser fazer alguma coisa ele diz sempre: vai e eu te acompanho, vai que te pode fazer bem. Eu até já estou a ver se consigo tirar a carta porque eu estava no Entroncamento... e eu comecei a tirar a carta, já só me faltava um mês para tirar a carta completa, pois já não andava a errar ...o, 2 e isso já era bom... e prontos a minha cunhada também queria tirar a carta... e o filho dela estava doente, então se tu tirares a carta eu já não consigo tirar eu... assim vamos as duas porque se for sozinha ... então o que é que eu fiz deixei passar aquela parte para ajudar a minha cunhada a ir... para ir comigo para a escola. Afinal não foi nem uma nem

a outra... nem conseguimos tirar a carta... eu sei conduzir posso ir para todo lado, mas isso não me adianta de nada. Eu preciso da carta para isso. Se eu pudesse daqui à minha casa eu vou, mas não adianta nada e se eu chegar ali... e ter um acidente ou pode vir a polícia... o que é que adianta nada. Por isso tenho de tirar a carta e ele está sempre a dizer isso. A minha mãe também já tem carta há muitos anos para ajudar o meu pai, para nos ir buscar à escola e levar ao médico e assim o meu pai deixou [Riso]. Isto mostra como já estamos diferentes de antes.”

- Fale-me das diferenças que existem entre as mulheres mais velhas e as mais novas dentro da comunidade.

**Resposta:** Está respondido na pergunta anterior.

- Tem algum sonho que gostaria de realizar?

**Resposta:** “Sim eu gostaria de ser mamã é um dos meus desejos. Gostaria de ser mãe, gostaria de ter esse curso e gostaria de ser feliz como sou... com o meu marido e com os meus filhos e com o meu trabalho. O sonho que mais queria era de ser mãe.

Mulher E: Amélia

- Qual a sua idade?

**Resposta:** “Tenho 26 anos”

- Qual sua religião?

**Resposta:** “Sou evangélica.”

- Qual o seu estado civil?

**Resposta:** “Agora estou junta há 10 anos. Estou só em união de fato, mas considero me casada”

- Quantos elementos tem a sua família?

**Resposta:** “Somos só três, eu, o meu marido e a minha filha.”

- Qual o seu grau de escolaridade?

**Resposta:** “Não completei o 6º ano. Porque na altura devido a ficarmos mais mocinhas sai e casei como o meu marido.”

- Qual a escolaridade dos seus filhos?

**Resposta:** “A minha filha tem 3 anos ainda não anda na escola.”

- Qual é a sua profissão?

**Resposta:** “Agora estou a frequentar uma formação e às vezes bato que é mesmo, mas por ser de etnia cigana não me dão trabalho. Até porque na altura a doutora Antónia que me ajudou no pingo doce para eu ter um trabalho, souberem e disseram logo que não.”

- Qual a sua opinião em relação à escola e formação profissional?

**Resposta:** “Na altura o meu pai queria que eu seguisse, já não tinha essa mentalidade, o meu pai é diferente, na altura se fosse agora eu tinha continuado. Primeiro tirava um curso e assim ia ser alguém na vida. Se fosse agora não fazia a burrice que fiz na altura há 10 anos atrás continuava a estudar e pronto. Escolhia uma profissão que é mesmo assim.”

- Gostava de ter continuado a estudar?

**Resposta:** “Sim gostava, mas já tinha referido casei e não consegui.”

- Pretende estudar mais?

**Resposta:** “Sim pretendo, por agora estou numa formação. Estou a frequentar é de jardinagem e acho que agora vai abrir um que é de aumentar a escolaridade e pronto eu continuo.”

- O que acha do facto das mulheres ciganas saírem da escola mais cedo que os rapazes? Quais são as razões?

**Resposta:** “Porque chega a uma altura nós ficamos mais mocinhas que é mesmo assim, ficamos mais grandinhas e nós da nossa etnia, nós temos orgulho de sermos mulherezinhas que é mesmo assim... e os nossos pais é assim. Então nós deixamos mais de parte a escola porque mais devido a isso. Porque lá na escola, não é por causa dos professores nem as aulas não, é mais o ambiente dos alunos ...e assim nos tira

mais de sermos mocinhas e podemos aprender coisas que não devemos. Se fosse agora, é diferente porque já sou adulta já tenho mais mentalidade quando já somos mocinha ... não somos mais crianças tudo o que vimos aprendemos e assim. É mesmo mais por causa disso.”

- Qual é a sua visão sobre o futuro?

**Resposta:** “Sobre o futuro, se tiver possibilidades eu vou deixar a minha filha estudar, se eu tiver possibilidades deixar ela ir fazer o que eu não fiz, ser o que eu não sou agora. Que eu não me importo que é mesmo assim.”

- Teria feito algo diferente ao longo da sua vida?

**Resposta:** “Sim teria continuado a estudar há 10 anos atrás porque me faz falta no agora.”

- Conte me sobre a sua rotina diária.

**Resposta:** “Eu levanto-me às vezes vou por a minha garota no infantário, quando tenho formação vou para a formação quando não tenho fico em casa, arrumo a roupa, faço a comida. De noite vou para o meu culto que é a coisa mais importante que eu tenho é servir a Deus... porque desde que conheci Deus foi a melhor coisa que me aconteceu na minha vida e vou para o culto, eu sou do coro... canto um bocadinho. Oiço a palavra e venho para casa. A rotina é quase sempre a mesma, sem ser o curso é sempre assim deito-me... é assim a minha rotina.”

- O que gostaria de mudar no seu dia-a-dia?

**Resposta:** “O que mudaria no meu dia-a-dia era ter um trabalho para ajudar a minha família.”

- Que tipo de trabalho doméstico realiza no dia-a-dia?

**Resposta:** “Todo o tipo de trabalho doméstico, arrumo, lavo a roupa, faço o almoço e o jantar. É esse tipo de coisas de casa.”

- É partilhado com o seu companheiro?

**Resposta:** “Não é partilhado, mas sei que se precisar de ajuda o meu marido está lá e ajuda-me, mas não é partilhado. Eu também gosto, gosto de ter tudo



a minha maneira, não gosto que ele vai lá. Por exemplo eu gosto de ter a roupa dobrada à minha maneira, eu tenho que ir lá e dobrar. Sou muito exigente. Não é por mal porque sei que se eu precisar ele me ajuda... ou lavar a loiça se não tiver lavada à minha maneira, eu tenho que ir lá lavá-la, eu sei que ele não lava porque os ciganos têm um bocadinho dessa coisa que tem que ser a mulher. Eu e o meu marido não somos assim... se ele me puder ajudar, se eu tiver doente ele vai e ajuda-me... mas eu não, eu apanho e gosto de dobrar à minha maneira, gosto de pôr as coisas nos sítios à minha maneira, então sou sempre eu. Arrumo a minha casa, ajeito as minhas coisas porque já estou habituada assim, mas se for preciso ele vai e ajuda, ele não é como esse. Porque há homens que são assim que não ajudam as esposas, que tem de ser as esposas... que são machistas, o meu marido não é assim. O meu marido ajuda-me.”

- Como vê o seu futuro a nível pessoal e profissional?

**Resposta:** “Eu gostava de arranjar um trabalho, eu amava ter um trabalho, mas tem muitas portas fechadas nesse aspeto. Mesmo que eu bata ou assim é muito difícil. Em questão de trabalho é muito difícil. As vezes vamos arranizando isto da fruta e assim. Lá abre uma portinha ou outra, mas não é fixo ... lá está não temos emprego fixo.”

- Qual a importância da religião na sua vida e na comunidade?

**Resposta:** “É muito importante isso ...é a melhor coisa de nós. Tem que estar acima do marido, acima dos filhos tem que estar acima de tudo... porque Deus é coisa melhor, a pessoa melhor do mundo. Deus é quem transforma, Deus é quem liberta, Deus é quem ajuda porque se não tiver Deus na nossa vida não há nada. Eu vou falar de mim, eu antes pronto... não era tao feliz parecia que faltava algo no meu coração, faltava uma coisa importante e desde que casei, porque lá não havia cultos... não havia o culto que nos temos aqui. Então desde que casei conheci mais... eu conheci à Deus... mas aqui conheci

mais e desde que conheci à Deus eu estou renovada sinto-me bem, quando eu peço à ele, ele ajuda-me ou na dificuldade ou na tristeza... Deus vem e limpa o meu coração. Porquê? Porque ele é o rei do mundo, ele é que nos ajuda, ele não há explicação, ele é o rei do impossível, ele é o rei dos milagres e ele é a melhor pessoa do mundo é Jesus”

- Como compreende a cultura cigana?

**Resposta:** “A cultura cigana é bonita. Nós temos que honrar o pai, a mãe, os mais velhos nós respeitamos muito os mais velhos, para nós os mais velhos...se eles disserem uma palavra nós temos que obedecer e isso para nós é um orgulho. Nós mulheres temos de ir virgens para o casamento então nós temos orgulho nisso, isso é um orgulho muito grande para nós, para as mulheres, para os homens e assim.”

- Como é ser uma mulher cigana?

**Resposta:** “É respeitar o marido, amar os filhos, amar o marido. É lindo, eu gosto de ser cigana, gosto não vou mentir, mas ainda há muito racismo sobre isso. E por saber que aquela é cigana, se for preciso vamos todas a uma entrevista e por ser cigana já não dão valor e importância e nós ficamos tristes por isso, mas temos orgulho de sermos ciganas. Ser cigana é seguirmos os nossos costumes, eu e várias mulheres gostamos de fazer boas comidas assim com muito tempero, gostamos de estar sempre bonitas não é sempre todos os dias, mas gostamos de nos ajeitar de nos amarrar para os nossos maridos e também para estarmos bonitas e sentimo-nos nós próprias bonitas. Ser cigana é ser cigana é ser especial.”

- Qual a função da mulher cigana, na vida familiar e na comunidade?

**Resposta:** “A função da mulher cigana é de cuidar do marido e dos filhos. Tratar da casa e das coisas domésticas.”

- Na sua opinião, qual a importância da mulher na decisão à nível financeiro e educacional na família?

**Resposta:** “No meu caso, o meu marido está preocupado, por exemplo temos que pagar as dívidas. O meu marido faz assim: tira o dinheiro das dívidas e põe à parte, o dinheiro para ir buscar comida nós vamos buscar comida e o restante nós guardamos e vamos dirigindo assim a vida. Nós recebemos o RSI, infelizmente, e estamos a receber da formação e então nós dirigimos assim. Ele diz o que achas? Ele pede-me sempre opinião, isso é sempre. O que achas? Está bem feito? E eu digo sim, sim... tiramos sempre o dinheiro primeiro das dívidas à parte, o dinheiro de comida e vamos buscar comida e o restante guardamos e vamos tirando conforme nós precisamos. Como por exemplo pão... e vamos fazendo sempre assim. As vezes é normal passamos um bocado de dificuldades, mas sempre com Deus nunca nos falta com o pão de cada dia. Deus nunca nos falha.”

- Acha que a mulher cigana é muito dependente do seu companheiro?

**Resposta:** “Não para certas ciganas não, tipo eu. É normal eu preciso dele, mas ele também precisa de mim. Eu preciso dele para certas coisas e também peço muita opinião a ele. Tipo ontem eu comprei estes chinelos, eu tive de lhe dizer gostas destes? Não sei porque gosto muito da opinião dele. Ele disse olha é bonita, mas havia outras beges e eu disse, mas o que é que achas? Eu sou muito indecisa. O que é que achas levo este ou estes? E ele disse leva as pretas que dão com tudo. E foi assim.”

- Como a comunidade cigana vê a mulher cigana? O que espera das mulheres?

**Resposta:** “A comunidade espera que seja uma mulher respeitosa, que respeite o marido, que respeite os mais velhos. Não podemos, não é que não podemos, podemos ser, mas gostam que uma não diga palavrões que seja respeitosa a comunidade cigana gosta muito disso. Uma mulher respeitosa para com o marido, para com os mais velhos, uma mulher educada pronto é isso.”

- Tem acesso e informações sobre os métodos contraceptivos?

**Resposta:** “Sim, sim conheço. Foi uma decisão dos dois ter a nossa filha e planeado. Quando nós somos mais novinhas nós não gostamos de tocar nesses assuntos ... as crianças nós gostamos assim ... quando casar ela vai saber, nós não gostamos de falar sobre essas coisas. Diferente é quando vem a menstruação e assim as garotas, as mães... os pais não... nós temos vergonha dos nossos pais, falamos com as nossas filhas ...e isto é isto quando é mulherzinha, agora falar disso não. Só quando casa nós dizemos assim: tens que usar isto se quiseres, se não quiseres não ... porque quando casa quem manda é o marido já não é nós.”

- Já usou algum método contraceutivo?

**Resposta:** “Não nunca usei.”

- Vê diferenças na antiga e na presente geração da comunidade cigana?

**Resposta:** “A única coisa, de há 10 anos ... eu só estou casada há 10 anos eu casei com 16 anos. E há 10 anos nós não podíamos usar Facebook, nem Instagram nem nada os nossos pais não nos autorizavam, na altura isso era muito perigoso para nós .... podia alguém nos enganar ou assim ... então os nossos pais não deixavam. Agora todo o mundo usa, por exemplo eu dizia... o meu pai na altura matava-me que é mesmo assim ... ponha-me logo de castigo não deixava ninguém usar Facebook, agora podemos usar mesmo que não fossemos casadas temos Facebook, Instagram agora está tudo mudado.”

- Sente que houve mudanças culturais e dos costumes da comunidade cigana? Alguma evolução?

**Resposta:** “Há... agora é mais diferente porque na altura dos meus pais tinha que estar lá até ao fim... com o luto e assim. Agora não estamos 1 ano e assim... e tiramos... mas está sempre cá no nosso coração e sabemos que partiu com Deus e isso é o nosso conforto... é de saber isso. Eu já não tenho mãe infelizmente... quando eu casei passando 3 meses fiquei sem mãe e eu tive 1 ano com luto da minha mãe com 16 anos... e então na altura eu sabia que ela tinha partido com Deus... era o meu conforto porque saber que não está com Deus para nós é a maior

tristeza do mundo, mas saber que esta com Deus é a nossa maior alegria... porque um dia mais tarde nós os vamos ver no reino dos céus com Jesus.”

- Fale-me das diferenças que existem entre as mulheres mais velhas e as mais novas dentro da comunidade.

**Resposta:** “Há algumas coisas que mantemos. Por exemplo com a minha filha eu gosto de manter alguns costumes como ir virgem para o casamento, isso é o nosso orgulho ... e sempre vamos dizer isso porque isso é o orgulho para os nossos pais e para as nossas mães ... isso é um orgulho muito grande para nós. Gostamos de manter sempre isso. Não gostava nada de manter era a escola, quero que a minha filha seguisse. Ser aquilo que eu não sou, eu repito isto... eu quero que a minha filha seja o que eu não sou agora, não precisar disto de trabalhar para nós próprias para termos o nosso sustento, e não estar à espera da segurança social para nos ajudar. É 10% das pessoas da comunidade cigana que esta receber o RSI, as outras comunidades já trabalham, mas ainda há muito racismo, mas há umas que já trabalham que já são advogadas, juízas... e eu queria que a minha filha fosse isso ou o que ela quisesse, mas que tivesse uma profissão.”

- Tem algum sonho que gostaria de realizar?

**Resposta:** “Sim, gostaria de ter uma profissão ou senão viajar também... era um sonho que tenho é de ir à Disney Paris. Se tivesse possibilidades eu gostava de ser juíza, o meu pai na altura queria que tivesse sido advogada e agora mantém-se ... não era advogada, mas sim juíza. Gostava muito.”

- Ou algo que fosse diferente na sua vida?

**Resposta:** “Tinha continuado a estudar, pois o meu pai na altura quis que eu continuasse, não sei como, mas ele queria que estudasse mais, queria que fosse alguém na vida. Mas eu não quis, não aproveitei o momento, desperdicei e agora olha...”

Mulher F: Catarina

- Qual a sua idade?  
**Resposta:** “Tenho 12 anos.”
- Qual sua religião?  
**Resposta:** “É evangélica.”
- Qual o seu estado civil?  
**Resposta:** “Solteira.”
- Quantos elementos tem a sua família?  
**Resposta:** “Vivo com a minha mãe, o meu pai, a minha irmã. Somos 4.”
- Qual o seu grau de escolaridade?  
**Resposta:** “Tenho o 6ºano.”
- Qual a sua opinião em relação à escola e formação profissional?  
**Resposta:** “Eu acho que a escola é boa para aprender e até ir ao 12º ano. É bom para aprender a ler, a escrever, aprendendo mais coisas novas e é melhor.”
  - Pretende estudar mais?  
**Resposta:** “Se pudesse estudava até mais que o 12º ano.”
- O que acha do facto das mulheres ciganas saírem da escola mais cedo que os rapazes?  
Quais são as razões?  
**Resposta:** “As razões são porque algumas casam mais cedo, outras saem sem casarem nem nada. Algumas é porque saem para casar e outras saem por não casarem. Porque a vida cigana é assim. As meninas ciganas são assim.”
- Qual é a sua visão sobre o futuro?  
**Resposta:** “Olhem para mim o futuro é andar na escola até quando puder e em relação a casar-me ainda não ... ainda é muito cedo. E é isso para mim ... é isso agora para os outros ciganos não sei. Para os outros ciganos o futuro deles é vender, mercados, diretos e só.”
- Conte me sobre a sua rotina diária.  
**Resposta:** “Então quando eu tenho escola acordo as 07:00, depois levanto-me visto-me, vou para a sala, depois vejo se falta alguma coisa na mochila, lavo a cara

e os dentes. Como alguma coisa, de manhã bebo algum sumo porque as vezes não me apetece comer. Depois vou para a escola, vou até a Dona Andreia carregar o cartão, passar o cartão na entrada. Saio às 17:10, chego à casa visto-me outra vez, tomo banho, ou vou para casa da minha avó e fico ao pé da minha família. Nos meus tempos livres vejo TikTok, ir ao Instagram, falar com as minhas amigas e fazer TikTok com a minhas amigas, andar com a minhas amigas e ir ao café.”

- O que gostaria de mudar no seu dia-a-dia?

**Resposta:** “Eu gostaria de ter o meu próprio quarto e ter um penteador com luzes.”

- Que tipo de trabalho doméstico realiza no dia-a-dia?

**Resposta:** “Ah, sim a minha mãe quer que faça tarefas domésticas. Normalmente é lavar a loiça, tipo hoje fui ajudar a minha mãe, tive a fazer a cama à minha mãe, ajudar a limpar ... também coisas assim normais de fazer em casa. Não muita coisa, algumas coisas não faço porque ... tipo... fazer comida não faço, faço para mim, mas não comida no forno e assim, nem passar a ferro. Deixa-me mais lavar a loiça, limpar os moveis e isso sim.”

- Sendo ainda solteira, como acha que será a sua vida doméstica com o teu futuro companheiro?

**Resposta:** “Vão ser partilhadas. É muito trabalho para uma pessoa só. Estar sozinha em casa e no trabalho. Uma pessoa só é muita coisa para limpar. Ele também tem de ajudar.”

- Como vêes o seu futuro a nível pessoal e profissional?

**Resposta:** “Por enquanto eu prefiro estar solteira, não tenho muita coisa para casar nem nada ... mais lá para a frente ... não agora. Eu só quero casar com 20 ou 22 anos sei lá... assim aproveito mais. A nível profissional gostava de ser maquilhadora.”

- Qual a importância da religião na sua vida e na comunidade?

**Resposta:** “É dançar, eles dançam, eu gosto de dançar nos cultos também. Sinto-me bem no culto também, eu também me sinto bem a bailar ... acho que é uma coisa que o cigano tem que de melhor... assim é a dança que a gente tem. Eu gosto de estar a dançar. Ter uma música gosto... anima-me, sabe? Gosto de estar assim para mim é uma coisa boa.”

- Como compreende a cultura cigana?

**Resposta:** “Eu acho que a cultura cigana é muito boa, provavelmente para mim porque eu vivo nela. Eu acho que é muito bom sítio onde vivemos, o que a gente faz na vida. Eu acho que ele para mim é ótimo, os casamentos, os natais, os anos novos, as pascoas, também o luto ... eu não queria mudar assim de vida, eu queria estar assim na minha vida que eu mais gosto.”

- Como é ser uma mulher cigana?

**Resposta:** “Olhe como é que eu vejo uma mulher cigana? Com brilho, arrumada, bonita como uma cigana.”

- Qual a função da mulher cigana, na vida familiar e na comunidade?

**Resposta:** “Eu acho que ela mais dentro da vida é limpar, fazer os mercados, diretos de vender, ir ao pé das famílias, limpar as casas, vestirem-se para mim eu acho que a vida das mulheres é assim.”

- Na sua opinião, qual a importância da mulher na decisão à nível financeiro e educacional na família?

**Resposta:** “Não acho que não, a minha irmã está casada não faz diferença ele ter dinheiro ou não ter dinheiro. Aquilo é do gosto da pessoa é assim ela são assim.”

- Acha que a mulher cigana é muito dependente do seu companheiro?

**Resposta:** “Sim”

- Como a comunidade cigana vê a mulher cigana? O que espera das mulheres?

**Resposta:** “A comunidade espera que as mulheres cuidem da casa e da família.”



- Tem acesso e informações sobre os métodos contraceptivos?

**Resposta:** “Não nem sei o que é”

- Vê diferenças na antiga e na presente geração da comunidade cigana?

**Resposta:** “Na moda antiga os casamentos eram mais prolongados, havia mais tradições, não havia muita coisa que há hoje em dia, sabe? Hoje em dia é menos este casamento ... é assim.”

- Sente que houve mudanças culturais e dos costumes da comunidade cigana? Alguma evolução?

**Resposta:** “Sim, em relação por exemplo aos casamentos agora cada um escolhe com quem casa e até já há divórcios.”

- Fale-me das diferenças que existem entre as mulheres mais velhas e as mais novas dentro da comunidade.

**Resposta:** “Sim vestiam-se na moda antiga, era mais diferente, o luto também era mais diferente... agora é mais coisa ... há pessoas que morrem e já não metem... há uns que metem outros que não. Nos outros anos havia muito ouro hoje em dia não tem muitos... é tipo assim.”

- Tem algum sonho que gostaria de realizar?

**Resposta:** “Ser maquilhadora, ir a Paris, ao Dubai também. E ser maquilhadora e ter um iPhone 13 Pro Max.”